

ISADORA ASCIUTTI MOURA

**A PSICOLOGIA SÓCIO-
HISTÓRICA NA CLÍNICA: UMA
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO
SUJEITO**



**A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA NA CLÍNICA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**

ISADORA ASCIUTTI MOURA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Moura, Isadora Ascitti

A psicologia sócio-histórica na clínica [livro eletrônico] : uma análise da construção do sujeito / Isadora Ascitti Moura. -- João Pessoa, PB : Ed. da Autora, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-90692-9

1. Comportamento - Análise 2. Psicologia clínica
3. Psicoterapia I. Título.

24-188527

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia clínica 150

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Atendimentos individuais realizados na USF São Rafael no período de 2009 a 2010	51
TABELA 2: Atendimentos individuais realizados na USF São Rafael no período de 2009 a 2010	53
TABELA 3: Atendimentos individuais realizados na Cidade Viva no período de 2009 a 2010 ..	58

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
1.1 A CONFIGURAÇÃO PSICO-SÓCIOHISTÓRICA DA IGUALDADE E DESIGUALDADE SOCIAL E DA DIFERENÇA/DIVERSIDADE HUMANA: O DIREITO DE SER HUMANO.....	8
1.2 DO SER HUMANO: A CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA PSICOLÓGICO ESPECIFICAMENTE HUMANO	10
1.2.1 As emoções, as paixões e potência de ação/padecimento	23
1.2.2 A Imaginação e liberdade humana: invenção do futuro e do projeto de vida	28
1.2.3 A consciência/reflexão/práxis do real/mundo vivido	31
1.2.4 A personalidade – do bem-estar ao desconforto/defectologia/patologia: Estrutura e configurações.....	32
2 MÉTODO	36
2.1 A ANÁLISE CLÍNICA PSICO-SÓCIOHISTÓRICA: DA TEORIA AO MÉTODO.....	36
2.2 LOCAL	43
2.3 PARTICIPANTES.....	43
2.4 PROCEDIMENTO DE PESQUISA/INTERVENÇÃO: O SEOP	43
2.5 INSTRUMENTOS	44
3 RESULTADOS	46
3.1 ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO /SUPERVISÃO DE ESTÁGIO	46
3.2 GT - NEIDH/SEOP	47
3.3 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, PUBLICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTO	48
3.4 ATENDIMENTOS	49
3.4.1 SEOP- Unidade de Saúde da Família São Rafael.....	49
3.4.2 SEOP-Clínica-Escola de Psicologia.....	53
3.4.3 SEOP- Fundação Cidade Viva	57
3.4.4 Análise de casos/ alguns recortes.....	60
Caso I	60
Caso II.....	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	92
ANEXO I: CRONOGRAMA	92

ANEXO II - Relatório do Grupo de Trabalho: Escuta em Orientação psicossocial e projeto de vida com Cuidadores de dependentes químicos.....	93
---	-----------

APRESENTAÇÃO

A ciência psicológica tem o papel social de estudar a construção do ser humano para intervir nas situações de desigualdade social, exclusão/inclusão e problemas sociais, que se objetivam no homem como padecimento de ação. A Psicologia sócio-histórica na clínica coloca a subjetividade como ideia ético-reguladora da análise. Segundo Vigotski, a análise é uma práxis que tem o propósito de não só estabelecer relações, mas também de dissecá-las, esquadrihá-las teoricamente, de modo a servir de instrumento para a reflexão e a mediação, num processo contínuo de relação com o sujeito, de reflexão e crítica, formado pela linguagem da fala e do corpo e suas afecções, na tentativa de capturar o real (Catão, 2007). O analista, pois, exerce papel de mediador utilizando o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, correspondendo às atividades que o sujeito ainda não consegue realizar sozinho, mas consegue com a ajuda do mediador, até que faça sozinho (Dias, 2006), perpassando uma ressignificação, permitindo maior equilíbrio entre o sentir, o pensar e o fazer. A intervenção é direcionada para produzir transformações no outro e no meio social no qual está inserido. O plano de estágio foi elaborado com vistas à análise do ser humano numa construção/reflexão de si e do mundo para a transformação, numa relação terapêutica de mediação do psicólogo para possibilitar uma ressignificação de si e do mundo.

Toda forma superior de comportamento aparece em cena primeiro como forma coletiva, interpsicológica, o pensamento não surge antes que a discussão tenha surgido em seu grupo social. As emoções, nos estudos de Vigotski (2004) baseados em Espinosa, são o elemento mediador e configurador das funções psicológicas superiores, elas fazem a conexão entre estas funções transformando-as em sistemas dinâmicos, que unem intelecto e emoção, mente e corpo, possibilitando um sistema único entre homem e natureza. As emoções podem tanto desencadear um movimento dinâmico da consciência, quanto fragmentá-la (Lane, 2006). Nelas aglutinam-se frustrações e desgostos acumulados na vida, e sentimentos, que por sua vez são emoções sem prazo, o tom emocional que caracteriza a forma como me coloco no mundo.

Os homens, então, por natureza, como afirmado por Tosi (2008), não são iguais, mas diferentes, as mudanças do afeto e do intelecto estão em dependência direta na mudança dos nexos das funções psicológicas superiores (FPS), suas relações interfuncionais, e do lugar que

ocupam na consciência, no conceito real construído pelo ser humano encontramos todo o conjunto de suas relações: uma concepção de mundo (Vigotski, 2004).

A desigualdade social se caracteriza por ameaça permanente à existência, o que produz intenso sofrimento, uma tristeza que se cristaliza em estado de paixão crônica na vida cotidiana (Sawaia, 2009; 2004). Isto é superado pelo esforço mental de integração das funções: a liberdade de ação de cada um depende do pensamento que transforma uma ação determinada pela dinâmica da situação em dinâmica do pensamento, orientado pela base afetivo-volitiva do desejo de ser livre, possibilitando a transformação social. Desta forma, perguntar por sofrimento e por felicidade significa colocar no centro a ideia de humanidade, e como temática o sujeito e como ele se relaciona com o social, de forma que fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e direitos sociais (Sawaia, 2006). O conhecimento de nossos afetos altera nosso sistema de conceitos, transformando-o de um estado passivo em outro ativo.

A análise, então, irá centrar-se no humano para a compreensão da gênese de seu sofrimento ético-político, seu padecimento com relação a sua vida, as contradições entre o que é e o que o indivíduo gostaria que fosse. Três princípios formam a base da análise das funções psicológicas superiores: análise de processos; explicação dos processos; análise genotípica do comportamento fossilizado. Na análise sócio-histórica, a gênese do pensamento é explicada pela conexão entre o intelectual, o afetivo e o volitivo.

Assim sendo, a análise é um tipo de diálogo no qual emergem os sujeitos do processo constituídos em suas histórias e diferenças, para que o analista, como mediador intervenha no princípio regulador sobre o qual se pode agir para atingir a emancipação: a potência de ação, entendido como o direito que cada indivíduo tem de ser, de se afirmar e de se expandir, cujo desenvolvimento é condição para atingir a liberdade. O analista é o mediador na passagem do momento passional-ilusório e reprodutor ao momento afetivo-transformador do indivíduo em análise.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A CONFIGURAÇÃO PSICO-SÓCIOHISTÓRICA DA IGUALDADE E DESIGUALDADE SOCIAL E DA DIFERENÇA/DIVERSIDADE HUMANA: O DIREITO DE SER HUMANO

A psicologia sócio-histórica analisa a desigualdade social e a diferença como subjetividade, objetividade do social no individual. Neste ímpeto a emoção e a criatividade são dimensões ético-políticas da ação transformadora de superação da desigualdade, já que o homem é um grau de potência para perseverar na própria existência, exercendo sua liberdade como expansão do corpo. Essa potência de conservação varia de acordo com as afecções do corpo e mente nos encontros do passado, presente e futuro. A desigualdade social se caracteriza por ameaça permanente à existência, o que produz intenso sofrimento, uma tristeza que se cristaliza em estado de paixão crônica na vida cotidiana, torna-se, então, potência de padecimento, reduzindo os esforços do humano em perseverar na própria existência. “A alegria e a criatividade potencializam a força do nosso corpo e da nossa mente para não capitularmos ante as tragédias que a desigualdade social nos reserva, bem como para mantermos aceso nosso desejo de nos organizarmos em mil diferentes níveis coletivos para resistir ao mal.” (Sawaia, 2009; 2004)

Neste sentido, aborda-se a subjetividade como ideia ético-reguladora da análise do processo da exclusão/inclusão, o que significa introduzir a ontologia do ser da transformação e da resistência na análise da desigualdade social. Segundo Sawaia (2004), significa estudar o ‘irredutível humano’, qualidade que possibilita a transformação social, a capacidade humana de criação, transformação e constituição de novas necessidades embutidas no desejo de libertação, por meio dos coletivos que as singularidades configuram. Esta ontologia promove uma gênese da ética na sociedade porque o humano precisa do outro para ser feliz e autônomo. Sendo assim, a desmesura do poder solidifica-se quando os desejos individuais e interesses coletivos não são respeitados e a pessoa passa a buscar satisfação fora de si, estando na paixão triste. Isto acontece seja com aquelas que promovem, quer as que usufruem, ou as que sofrem com esta submissão. Tais relações mantêm a exclusão.

“O sujeito contemporâneo é afetado pela deterioração das relações sociais e pelo enfraquecimento dos laços sociais comunitários, por meio de práticas

individualistas, camufladas de pluralismo e de direito à diferença.” (Sawaia, 2004, p. 70)

Os homens, então, por natureza, como afirmado por Tosi (2008), não são iguais, mas diferentes: a diversidade é um fato, a igualdade é um valor moral. As doutrinas igualitárias não negam esta natural diversidade dos homens, mas afirmam que todos os seres humanos devem ser tratados como pessoas. A igualdade, assim, encontra-se diante de um duplice desafio: garantir as diversidades identitárias, sem esquecer a necessidade de superação das desigualdades sociais e econômicas criadas e amplificadas pela globalização. Assim, as teorias que relacionam a igualdade com alteridade e a responsabilidade, e propõem repensar a igualdade a partir do ponto de vista do outro: os indivíduos e os povos excluídos e marginalizados, as gerações futuras, ou a própria natureza na sua alteridade. Os conflitos sociais, assim, seriam uma expressão de uma luta coletiva pelo reconhecimento de todos os cidadãos como iguais no exercício da sua participação política, na justa distribuição de bens materiais, e do valor das diversidades culturais e modos de vida.

1.2 DO SER HUMANO: A CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA PSICOLÓGICO ESPECIFICAMENTE HUMANO

No processo de desenvolvimento do homem, as funções psicológicas superiores (FPS) evoluem passando por mudanças em seus nexos, mudanças interfuncionais, na estrutura interfuncional, de maneira que surgem novos agrupamentos, desconhecidos no nível anterior. O sistema psicológico se refere às relações entre as FPS mutáveis, contidas num processo (Vigotski, 2004).

O desenvolvimento se baseia em dois processos inerentemente diferentes, embora relacionados, em que cada um influencia o outro: de um lado a maturação, que depende do desenvolvimento do sistema nervoso, e de outro o aprendizado. Estes processos são interagentes e mutuamente dependentes. O processo de aprendizado não pode ser reduzido à formação de habilidades, mas incorpora uma ordem intelectual que torna possível a transferência de princípios gerais descobertos durante a solução de uma tarefa para várias outras tarefas (Vigotski, 2004).

Segundo Vigotski (2004), o aprendizado das crianças começa muito antes de elas começarem a frequentar a escola, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar. Nesta idade o desenvolvimento é diferente daquele que ocorre na idade escolar, mais voltado para a assimilação de fundamentos do conhecimento científico. O aprendizado deve ser combinado de alguma maneira ao nível de desenvolvimento da criança e as relações entre o nível de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. Há, assim, um nível de desenvolvimento real, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados, funções que já amadureceram. Mas o principal indicativo do desenvolvimento da criança é aquilo que ela consegue fazer com a ajuda de outras pessoas, este é o nível da zona de desenvolvimento proximal, esta é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes, isto é, define as funções que amadurecerão, caracterizando o desenvolvimento prospectivamente. O estado de desenvolvimento mental da criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real, e o nível de desenvolvimento proximal.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. Então, segundo Vigotski (2004), o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado.

Vigotski (2004), ao estudar o desenvolvimento humano, teve como principal objetivo caracterizar os aspectos tipicamente humanos de comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. Segundo este autor, o desenvolvimento dos comportamentos complexos caracteriza-se por transformações complexas, qualitativas, de uma forma de comportamento em outra.

Para compreender como se dá a mudança de nexos, é necessário estudar as funções mais simples, como a percepção. Em crianças em idade pré-escolar, a percepção se constitui como unidade sensório-motora, ou seja, os processos motores e sensoriais constituem um todo único, a motricidade responde imediatamente a uma sensação externa. No adulto esta unidade se quebra, o que caracteriza a motricidade do adulto não é sua constituição inicial, mas as novas conexões, os novos nexos entre a motricidade com as demais FPS, outras esferas da personalidade. O desenvolvimento posterior da percepção consiste em estabelecer uma complicada síntese com outras funções, concretamente com a da linguagem. A percepção começa a atuar em conjunto com as demais funções como um sistema novo, que é bastante difícil de decompor e cuja desintegração só é observada nas patologias (Vigotski, 2004).

Toda forma superior de comportamento aparece em cena primeiro como forma coletiva, interpsicológica, o pensamento não surge antes que a discussão tenha surgido em seu grupo social. Como analisado em Vigotski (2004), a origem social das FPS constitui um fato muito importante, e todo signo, se tomarmos sua origem real é um meio de comunicação, ou um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Isto é possível graças à linguagem. No princípio, o pensamento está a serviço das emoções, depois surge o mecanismo psicológico cuja origem é determinada por um sistema conceitual, pelo valor que se dá a tal ou qual função. As

conexões são feitas por signos sociais, ideologias, o significado que a função psíquica adquire na consciência do homem.

“O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática (...) convergem” (Vigotski, 2004, p. 11 e 12). Com isto, Vigotski quer explicar que antes de controlar o seu próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, elas não só agem na tentativa de atingir seus objetivos, como também falam. A fala surge espontaneamente em qualquer atividade e continua quase sem interrupção, pois se houver uma tentativa de bloqueá-la, a atividade da criança é paralisada. Esta é a fala egocêntrica, que começa a manifestar-se como parte do esforço ativo da criança.

Vigotski (2004) analisou então, que fala e ação, fazem parte de uma mesma função psicológica: as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos. Com a ajuda da fala as crianças criam maiores possibilidades, elas se envolvem em vários atos preliminares, usando métodos instrumentais ou mediados, ou seja, procurando e preparando estímulos do ambiente de forma a torná-los úteis para a solução de uma questão e para o planejamento de ações futuras. Através da fala, ela planeja como solucionar o problema e então executa a solução elaborada: a manipulação direta de um objeto é substituída por um processo psicológico complexo através do qual a motivação interior e as intenções estimulam o seu próprio desenvolvimento e realização.

Sendo assim, a relação entre a fala e a ação é dinâmica no decorrer do desenvolvimento das crianças: num primeiro estágio, a fala acompanha as ações da criança e num estágio posterior, a fala desloca-se para o início do processo, precedendo a ação. Esta é a função planejadora da fala, ela funciona como um auxiliar de um plano já concebido, mas não realizado, ainda, em nível comportamental. Uma vez que as crianças conseguem usar a função planejadora de sua linguagem, o seu campo psicológico muda radicalmente, pois uma visão de futuro é, agora, parte integrante de suas abordagens ao ambiente imediato (Vigotski, 2004).

O desenvolvimento da fala está vinculado ao uso de instrumentos e ao desenvolvimento das formas superiores de percepção. No início do desenvolvimento da criança, elementos independentes no campo visual são percebidos simultaneamente, a percepção visual é integral. No entanto, no decorrer do desenvolvimento, a fala, requerendo um processamento sequencial, rotula os elementos separadamente, o que torna a fala, nesta etapa de desenvolvimento,

essencialmente analítica (Vigotski, 2004). No desenvolvimento humano, então, o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado.

A idade de transição da adolescência é marcada por um sistema complexo de variação de concepções e de aparecimento de outras novas, se baseia na mudança de conexões. Vigotski (2004) explica que é característico da adolescência a passagem das funções para dentro: o que para o escolar é externo no âmbito da memória lógica, da atenção arbitrária, do pensamento, torna-se interno no adolescente. A interiorização se realiza porque as operações externas se integram em uma função complexa e em síntese com toda uma série de processos internos.

Deste modo, o conceito é compreendido como um sistema psicológico. A lógica dialética mostrou que o conceito não é um esquema tão formal, um conjunto de traços abstraídos do objeto, mas que oferece um conhecimento muito mais rico e completo do mesmo. A formação de conceitos consiste no estabelecimento de conexões do objeto em relação a outros objetos, no encontro de um conjunto real, ou seja, no conceito real encontramos todo o conjunto de suas relações: uma concepção de mundo (Vigotski, 2004).

A idade de transição é a idade de estruturação da concepção do mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência e das ideias coerentes sobre o mundo. O seu estabelecimento sobre a base da autoconsciência refere-se ao fato de que relacionemos conscientemente uma determinada função com outras, de forma que constituam um sistema único de comportamento.

Segundo Vigotski (2004), a esquizofrenia e a idade de transição estão em relação inversa, na medida em que na primeira há uma desintegração das funções que se criam na segunda. A primeira coisa que se desintegra no esquizofrênico é a função de formação de conceitos, todo o comportamento do esquizofrênico passa a ser regido por seus afetos, as ideias e os sentimentos não variam, mas todos perdem as funções que desempenhavam no sistema complexo.

Os afetos trabalham num complicado sistema com os conceitos: o desenvolvimento histórico dos afetos consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surge uma nova ordem e novas conexões, o conhecimento de nossos afetos altera nosso sistema de conceitos, transformando-o de um estado passivo em outro ativo.

Desta forma, “Nos casos mais elevados, quando nos achamos em presença de individualidades humanas que revelam o grau máximo de perfeição ética e a mais maravilhosa vida espiritual, encontramos-nos diante de um sistema no qual o todo mantém relação com a

unidade. (...) o homem pode com certeza reduzir a um sistema não apenas funções isoladas, mas criar também um centro único para todo o sistema.” (Vigotski, 2004).

A memória natural, dominante no comportamento de povos iletrados está muito próxima da percepção, mas coexistem com ela outros tipos de memória pertencentes a linhas de desenvolvimento diferentes. Mesmo nos estágios primitivos do desenvolvimento histórico, os seres humanos foram além dos limites das funções psicológicas impostas pela natureza, evoluindo para uma organização nova, culturalmente elaborada, de seu comportamento, as operações com signos são produto das condições específicas do desenvolvimento social (Vigotski, 2004). No caso das funções psicológicas superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais que se tornam a causa imediata do comportamento.

O signo é o estímulo de segunda ordem que funciona como elo intermediário entre estímulo e resposta, ele confere à operação psicológica formas qualitativamente novas e superiores, permitindo aos seres humanos controlar seu próprio comportamento, criando novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura (Vigotski, 2004). O ato de memorização mais simples é o que usa o auxílio de meios externos, no segundo estágio do desenvolvimento humano, já no terceiro estágio, da fase adulta, o comportamento permanece mediado, mas os signos externos são internalizados, produzidos como meio de memorizar. Com as funções psicológicas superiores ocorre o mesmo, surgem ao longo do curso geral de desenvolvimento psicológico como resultado de um processo dialético, e não como algo que é introduzido de fora ou de dentro. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento das origens biológicas e sócio-culturais do comportamento, que surgem durante a infância, como no desenvolvimento da utilização de signos e a fala.

Entre o nível inicial e os níveis superiores de desenvolvimento existem sistemas psicológicos de transição. Segundo Vigotski (2004), neste estágio intermediário de desenvolvimento, a criança ainda não utiliza a simbolização mediada, mas uma representação direta, a capacidade de formar associações elementares não é suficiente para garantir que a relação associativa possa vir a preencher a função instrumental necessária à produção da lembrança. No caso de adultos, o processo de memorização mediada está tão completamente desenvolvido que ocorre mesmo na ausência de auxiliares externos especiais.

E, segundo Vigotski (2004), dentre as grandes funções psicológicas que embasam o uso de instrumentos, o primeiro lugar deve ser dado à atenção. Com o auxílio desta função, a criança começa a dominar, a criar centros estruturais novos dentro de uma situação percebida, destacando, do fundo, figuras novas, ampliando as possibilidades de controle de suas atividades.

“Além de reorganizar o campo visual-espacial, a criança, com o auxílio da fala, cria um campo temporal que lhe é tão perceptivo e real quanto o visual. A criança que fala tem, dessa forma, a capacidade de dirigir sua atenção de uma maneira dinâmica. Ela pode perceber mudanças na sua situação imediata do ponto de vista de suas atividades passadas, e pode agir no presente com a perspectiva do futuro” (Vigotski, 2004, p. 28).

Assim, o campo de atenção da criança engloba a totalidade das séries de campos perceptivos potenciais que formam estruturas dinâmicas e sucessivas ao longo do tempo, o que envolve a memória: através de formulações verbais de situações e atividades passadas, ela sintetiza o passado e o presente de modo conveniente a seus propósitos (Vigotski, 2004). Esta estrutura funcional cria, com o auxílio da fala, um campo temporal para a ação, e a atividade futura passa a ser representada por signos, e o sistema psicológico engloba agora as intenções e as representações simbólicas das ações propositadas, as quase-necessidades.

À medida que a criança cresce, mudam as relações interfuncionais que conectam a memória a outras funções. A memória, em fases iniciais da infância, é uma das funções psicológicas centrais, em torno da qual se constroem as outras funções, o ato de pensar da criança muito pequena é determinada por sua memória: pensar significa lembrar. Já para o adolescente, lembrar significa pensar, na idade de transição todas as ideias e conceitos passam a ser organizados como conceitos abstratos (Vigotski, 2004).

Sendo assim, o instrumento serve como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade, orientado, pois externamente, e o signo constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo, orientado, pois internamente. A combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica, caracteriza o comportamento superior, as funções psicológicas superiores (Vigotski, 2004). A internalização é a reconstrução interna de uma operação externa, um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal, ou seja, todas as funções superiores originam-se das relações entre os seres humanos, resultado de um longo processo de desenvolvimento. Esta internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos.

Vigotski (2004), ao estudar o desenvolvimento humano, teve como principal objetivo caracterizar os aspectos tipicamente humanos de comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. Segundo este autor, o desenvolvimento dos comportamentos complexos caracteriza-se por transformações complexas, qualitativas, de uma forma de comportamento em outra.

“O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática (...) convergem (Vigotski, 2004, p. 11 e 12). Com isto, Vigotski quer explicar que antes de controlar o seu próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, elas não só agem na tentativa de atingir seus objetivos, como também falam. A fala surge espontaneamente em qualquer atividade e continua quase sem interrupção, pois se houver uma tentativa de bloqueá-la, a atividade da criança é paralisada. Esta é a fala egocêntrica, que começa a manifestar-se como parte do esforço ativo da criança.

Vigotski (2004) analisou então que fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica: as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos. Com a ajuda da fala as crianças criam maiores possibilidades, elas se envolvem em vários atos preliminares, usando métodos instrumentais ou mediados, ou seja, procurando e preparando estímulos do ambiente de forma a torná-los úteis para a solução de uma questão e para o planejamento de ações futuras. Através da fala, ela planeja como solucionar o problema e então executa a solução elaborada: a manipulação direta de um objeto é substituída por um processo psicológico complexo através do qual a motivação interior e as intenções estimulam o seu próprio desenvolvimento e realização.

Sendo assim, a relação entre a fala e a ação é dinâmica no decorrer do desenvolvimento das crianças: num primeiro estágio, a fala acompanha as ações da criança e num estágio posterior, a fala desloca-se para o início do processo, precedendo a ação. Esta é a função planejadora da fala, ela funciona como um auxiliar de um plano já concebido, mas não realizado, ainda, em nível comportamental. Uma vez que as crianças conseguem usar a função planejadora de sua linguagem, o seu campo psicológico muda radicalmente, pois uma visão de futuro é, agora, parte integrante de suas abordagens ao ambiente imediato (Vigotski, 2004).

O desenvolvimento da fala está vinculado ao uso de instrumentos e ao desenvolvimento das formas superiores de percepção. No início do desenvolvimento da criança, elementos independentes no campo visual são percebidos simultaneamente, a percepção visual é integral. No entanto, no decorrer do desenvolvimento, a fala, requerendo um processamento seqüencial, rotula os elementos separadamente, o que torna a fala, nesta etapa de desenvolvimento, essencialmente analítica (Vigotski, 2004). No desenvolvimento humano, então, o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. Assim, a percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento, por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância.

No início do desenvolvimento, assim como a fala, a percepção não se separa do movimento. A percepção se torna uma operação psicológica superior, tão logo a criança use estímulos auxiliares, o uso de signos auxiliares rompe com a fusão entre o campo sensorial e o sistema motor, tornando possível, assim, novos tipos de comportamento: a criança que anteriormente solucionava o problema impulsivamente, resolve-o, agora, através de uma conexão estabelecida entre o estímulo e o signo auxiliar correspondente. “O sistema de signos reestrutura a totalidade do processo psicológico, tornando a criança capaz de dominar seu movimento” (Vigotski, 2004).

E, segundo Vigotski (2004), dentre as grandes funções psicológicas que embasam o uso de instrumentos, o primeiro lugar deve ser dado à atenção. Com o auxílio desta função, a criança começa a dominar a criar centros estruturais novos dentro de uma situação percebida, destacando, do fundo, figuras novas, ampliando as possibilidades de controle de suas atividades.

“Além de reorganizar o campo visual-espacial, a criança, com o auxílio da fala, cria um campo temporal que lhe é tão perceptivo e real quanto o visual. A criança que fala tem, dessa forma, a capacidade de dirigir sua atenção de uma maneira dinâmica. Ela pode perceber mudanças na sua situação imediata do ponto de vista de suas atividades passadas, e pode agir no presente com a perspectiva do futuro” (Vigotski, 2004, p. 28).

Assim, o campo de atenção da criança engloba a totalidade das séries de campos perceptivos potenciais que formam estruturas dinâmicas e sucessivas ao longo do tempo, o que envolve a memória: através de formulações verbais de situações e atividades passadas, ela sintetiza o passado e o presente de modo conveniente a seus propósitos (Vigotski, 2004). Esta

estrutura funcional cria, com o auxílio da fala, um campo temporal para a ação, e a atividade futuro passa a ser representada por signos, e o sistema psicológico engloba agora as intenções e as representações simbólicas das ações propositadas, as quase-necessidades.

O desenvolvimento se baseia em dois processos inerentemente diferentes, embora relacionados, em que cada um influencia o outro: de um lado a maturação, que depende do desenvolvimento do sistema nervoso, e de outro o aprendizado. Estes processos são interagentes e mutuamente dependentes. O processo de aprendizado não pode ser reduzido à formação de habilidades, mas incorpora uma ordem intelectual que torna possível a transferência de princípios gerais descobertos durante a solução de uma tarefa para várias outras tarefas (Vigotski, 2004).

Segundo Vigotski (2004), o aprendizado das crianças começa muito antes de elas começarem a frequentar a escola, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar. Nesta idade o desenvolvimento é diferente daquele que ocorre na idade escolar, mais voltado para a assimilação de fundamentos do conhecimento científico. O aprendizado deve ser combinado de alguma maneira ao nível de desenvolvimento da criança e as relações entre o nível de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. Há, assim, um nível de desenvolvimento real, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados, funções que já amadureceram. Mas o principal indicativo do desenvolvimento da criança é aquilo que ela consegue fazer com a ajuda de outras pessoas, este é o nível da zona de desenvolvimento proximal, esta é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes, isto é, define as funções que amadurecerão, caracterizando o desenvolvimento prospectivamente. O estado de desenvolvimento mental da criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real, e o nível de desenvolvimento proximal.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e

especificamente humanas. Então, segundo Vigotski (2004), o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado.

Neste processo, a relação entre o pensamento e palavra é um movimento contínuo, cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema, o pensamento passa por muitas transformações até ser fala (Vigotski, 2008). Sendo assim, a relação entre o pensamento e a palavra não pode ser compreendida sem o estudo profundo da fala interior, função psicológica superior imprescindível do processo de escuta psicológica. Esta é colocada por Vigotski (2008), como um fenômeno de transição das funções intersíquicas e intrapsíquicas, acompanhando a atividade, estando a serviço da orientação mental, da compreensão consciente, para a superação de dificuldades. Ou seja, a fala interior é uma fala para si mesmo, íntima e convenientemente relacionada ao pensamento. Esta fala se expande no processo de escuta psicológica da análise pois que estimulam no sujeito consciência e reflexão.

Entre as características da fala interior está a sua aparência desconexa e inteligível, já que tem como base a predicação, pois que sabemos o que pensamos, sempre conhecemos o sujeito e a situação, não sendo necessária a complexidade da comunicação oral. Pelo contrário da fala exterior e escrita, na fala interior é uma regra geral que ocorra uma comunicação sem palavras, até mesmo no caso dos pensamentos mais complexos. Sendo assim, também há o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase. “Na fala interior, o fenômeno atinge o seu ponto máximo. Uma única palavra está tão saturada de sentido, que seriam necessárias muitas palavras para explicá-la na fala exterior.” (Vigotski, 2008)

Considerando-se a concepção histórico-social de homem, a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, a universalidade se concretiza na singularidade tendo a particularidade como mediação. O homem social é uma síntese complexa em que a universalidade se concretiza histórica e socialmente, através da atividade humana que é uma atividade social, nas diversas singularidades. Nesse vir-a-ser social e histórico que é criado o humano no homem singular.

Está implícito em todo este processo a necessidade da compreensão do elemento mediador que estaria possibilitando a relação entre o singular e o universal. A categoria de mediação, é pois, fundamental para compreender-se um determinado fenômeno da realidade em estudo em sua concreticidade. É a particularidade que se constitui em mediações que explicam os

mecanismos que interferem decisivamente no modo de ser da singularidade, na medida em que é através delas que a universalidade se concretiza na singularidade. Sem a particularidade, o fenômeno em questão não pode ser compreendido (Oliveira, 2005).

No estudo da exclusão, a particularidade pela qual o fenômeno pode ser compreendido, que media a relação entre a singularidade e a universalidade, é a afetividade, a emoção dos que vivem a exclusão, o sofrimento ou felicidade dos indivíduos.

Heller, Espinosa e Vigotsky concebem a emoção positivamente, como constitutiva do pensamento e da ação, coletivos ou individuais, bons ou ruins, e como processo imanente que se constitui e se atualiza com os ingredientes fornecidos pelas diferentes manifestações históricas, um fenômeno objetivo e subjetivo que constitui a matéria-prima básica à condição humana. E ao introduzir a emoção como questão ético-política, de análise dos problemas sociais, obriga-se a Psicologia Social a incorporar o corpo do sujeito nas análises econômicas e políticas. Nesta perspectiva, o psicológico é estudado como ético e emoções e necessidades são fenômenos ideológicos orientadores da vida em sociedade (Sawaia, 2006).

Vigotsky (1993, citado em Sawaia, 2006) traz o sofrimento ético-político como categoria de análise da exclusão, contraposto à felicidade pública. O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas, este se qualifica pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Fica claro que a emoção vivida diz respeito ao sofrimento do excluído, portanto, aos fundamentos da coesão social e da legitimidade social. Já a felicidade pública é experienciada apenas pelos que sentem a vitória como conquista da cidadania e da emancipação de si e do outro, e não de bens materiais circunscritos, esta é sentida quando ultrapassa a prática do individualismo e do corporativismo para abrir-se à humanidade. Conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social, revela o sofrimento gerado pela situação social de ser tratado como inferior, sem valor, e pelo impedimento de desenvolver, mesmo que uma pequena parte, o seu potencial humano e o desejo de “ser gente”.

Cada emoção contém uma multiplicidade de sentidos (positivos e negativos), os quais para serem compreendidos, precisam ser inseridos na totalidade psicossocial de cada indivíduo. Não basta definir as emoções que as pessoas sentem, é preciso conhecer o motivo que as originaram e as direcionaram, para conhecer a implicação do sujeito com a situação que os afeta.

A emoção é fonte do pensar e agir racionais, introduzir a afetividade na análise e na prática de enfrentamento da exclusão é colocar a felicidade como critério de definição de cidadania e do cuidado que a sociedade e o Estado têm para com o seu cidadão (Sawaia, 2006).

A importância das emoções como uma mediação, ao lado da linguagem e do pensamento, na constituição do psiquismo humano é que o movimento das funções psicológicas superiores parece ser impulsionado por elas, que por sua vez levam à reflexão e à ação. Neste sentido, elas devem ser canalizadas para uma atuação mais efetiva, sem a qual os objetivos propostos jamais serão atingidos, sendo assim, as emoções são o grande veículo ideológico. A distinção entre estas e os sentimentos está em que as emoções, dado seu caráter comunicativo, o empírico, seriam sempre figuras, enquanto os sentimentos, mais duradouros, seriam ora figura, ora fundo. Os sentimentos significam que uma pessoa está implicada com algo ou alguém e deste fato pode se constituir desde emoções simples até os sentimentos mais complexos que caracterizam a própria personalidade do indivíduo (Lane, 2006).

Outro mediador introduzido por Vigotsky na análise da exclusão social foi o significado, descrito por ele (Sawaia, 2006), como uma unidade de análise do comportamento capaz de incluir todas as manifestações psicológicas, das mais elementares às mais complementares. Os significados são formações dinâmicas e modificam-se de acordo com as várias formas pelas quais o pensamento funciona. Cada estágio no desenvolvimento do significado das palavras tem sua própria relação particular entre o pensamento e a fala. Os significados são estáveis e precisos dependendo do contexto no qual foram construídos pelos sujeitos (Vigotsky, 2005).

O significado é um critério da palavra, seu componente indispensável, e do ponto de vista da Psicologia, é uma generalização ou um conceito. E como estes são atos de pensamento, podemos considerar o significado como fenômenos do pensamento. No entanto, ele só o é na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. A associação entre a palavra e o significado pode tornar-se mais forte ou mais fraca, enriquecer-se pela ligação com outros objetos de um tipo semelhante, expandir-se por um campo mais vasto ou tornar-se limitada, isto é, pode passar por alterações quantitativas e externas, mas não pode alterar sua natureza psicológica, ou seja, o significado das palavras evolui. Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual uma realidade é generalizada e refletida em uma palavra (Vygotsky, 2005).

Esta unidade analítica desempenha papel importante na interligação das diferentes funções psicológicas e destas com o corpo e a sociedade, é o princípio organizador de desenvolvimento da consciência, concentra em si as riquezas do desenvolvimento social do povo e vive na comunicação, é um componente da linguagem. Vygotsky (2005) reflete que a emoção e o sentimento não são entidades absolutas ou lógicas do nosso psiquismo, mas significados radicados no viver cotidiano, que afetam nosso sistema psicológico pela mediação das intersubjetividades, configuram motivos, que são estados portadores de um valor emocional estável desencadeadores da ação e do pensamento. O significado leva o homem a agir em resposta a uma ideia, é um fenômeno intersubjetivo, portanto, social e histórico, que se reverte em ideologia e funções psicológicas distintas, apesar de que nele permanece certa raiz biológica, em virtude da qual, surgem as emoções, por isso um sofrimento psicossocial pode redundar em morte biológica.

A consciência, como função psicológica superior, surge originalmente da ação que vai se configurando na processualidade de constituição do ser humano, no movimento da ação observável a não observável, da ação voluntária à involuntária, nos movimentos de relação interpessoal aos movimentos de relação intrapessoal e nos estágios de internalização (Catão, 2007). Vygotsky compreendia que o sujeito não se constituía a partir de fenômenos internos e nem se reduzia a um mero reflexo passivo do meio, para ele o sujeito se constituía na relação, e a consciência também não era apenas a fonte dos signos, mas o resultado deles. Segundo ele, é pela internalização progressiva de instrumentos de cooperação que se constrói o pensamento consciente, que transforma e regula as outras funções psíquicas, a consciência é, então, como um contato social consigo mesmo. Os signos são os meios de contato com o mundo exterior e também consigo mesmo e com a própria consciência, portanto, os signos são a única maneira adequada para o estudo da consciência humana (Freitas, 2002). A consciência e as funções superiores se originam no espaço exterior, na relação com os objetos e as pessoas, nas condições objetivas da vida social.

As palavras desempenham um papel central, não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução da histórica da consciência como um todo. O pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana, uma palavra é um microcosmo dela (Vygotsky, 2005). Sendo assim, a consciência se desenvolve pela mediação da linguagem e do pensamento, portanto, na sua essência, é social, já que o ser humano só o é na

relação com os outros. O movimento desta função psicológica superior é impulsionado pelas emoções que levam à reflexão e à ação, podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência, como fragmentá-la (Lane, 2006).

“Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto, somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com essa bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam.” (Lane, 2006)

Neste sentido, a consciência constituída pela mediação de pensamento, linguagem e emoções e afetos contraditórios entre o que se sente, e o que se deveria sentir pode levar tanto à sua fragmentação, como à fragmentação da atividade. A possibilidade de transformar o mundo material mediante o emprego de ferramentas estabelecia as condições para modificação da própria atividade reflexa e sua transformação qualitativa em consciência. Este processo, porém, se completa mediado pela construção de uma classe especial de ferramentas: os signos proporcionados essencialmente pela cultura, pelas pessoas do meio (Freitas, 2002).

1.2.1 As emoções, as paixões e potência de ação/padecimento

As emoções, nos estudos de Vigotski baseados em Espinosa, são o elemento mediador e configurador das funções psicológicas superiores, elas fazem a conexão entre estas funções transformando-as em sistemas dinâmicos, que unem intelecto e emoção, mente e corpo. As emoções possibilitam que nós tenhamos um sistema único, e também media nossa relação com a natureza, o outro, outras ideias, possibilitando um sistema único entre homem e natureza. Sendo assim, as emoções são transferidas do campo dos instintos para o campo do conhecimento, da ética, sem ser-lhe negado o caráter de afecção corporal (Sawaia,). Também Heller e Espinosa (citado por Sawaia, 2006) concebem a emoção positivamente como constitutiva do pensamento e da ação, coletivos ou individuais, bons ou ruins, e como processo imanente que se constitui e se atualiza com os ingredientes fornecidos pelas diferentes manifestações históricas.

O movimento da consciência é impulsionado pelas emoções, que levam à reflexão e à ação, elas podem tanto desencadear esse movimento dinâmico da consciência, quanto fragmentá-la (Lane, 2006). A gênese do pensamento é explicada pela conexão entre o intelectual, o afetivo e o volitivo. Esta conexão é dialética, mediada e deve se compreendida num processo histórico. O

sistema psicológico é formado da conexão entre as Funções Psicológicas Superiores (FPS), e as emoções abarcam as funções psíquicas em seu conjunto, estabelecendo uma dialética entre estas, as experiências individuais, e as experiências sociais. Sendo assim, sempre num processo de transformação/reconfiguração. Isto pressupõe que o pensamento é motivado, nasce da esfera motivadora da consciência, a tendência afetivo-volitiva, o que significa que a verdadeira compreensão do sentido da palavra consiste em penetrar nos motivos do interlocutor, o subtexto. E a emoção superior só aparece porque o homem tem a capacidade de abstração conceitual que lhe permite superar o objeto pelo caráter mediado das funções psíquicas, o que revela a qualidade sgnica da emoção (Sawaia).

Vigotski (2004) construiu uma concepção de psiquismo como um sistema integrado de funções psicológicas, em que todas estão relacionadas entre si, ao corpo biológico, mediadas pela cultura e pelo contexto social, sem hierarquia nem relação causal. É essa unidade de nexos que qualifica nossa condição humana, e as emoções têm papel fundamental nesse sistema: são o organizador interno dos nossos comportamentos, não sendo separados do lado intelectual, pois o pensamento não nasce de si mesmo.

A dinâmica do sistema psicológico diz respeito ao desenvolvimento que ocorre das propriedades e estrutura do intelecto e dos afetos, e das relações entre eles. Ou seja, as mudanças do afeto e do intelecto estão em dependência direta na mudança dos nexos das FPS, suas relações interfuncionais, e do lugar que ocupam na consciência. Como exposto por Sawaia (...), essas mudanças têm origem no social e só são possíveis graças ao caráter mediado de cada uma das FPS, da sensibilidade corpórea, que possibilita a afecção do corpo para a experiência consciente do sentir, da emoção.

Os afetos são afecções instantâneas de uma imagem de coisas em mim nas relações que estabeleço com outros corpos e envolvem sempre um aumento ou diminuição da capacidade do meu corpo para a ação em uma direção, e as afecções da alma são as idéias das afecções do corpo. Segundo Sawaia (...), o sujeito, com seu corpo, é afetado pelas afecções no encontro com outros corpos, e as afecções da alma são determinadas por estas afecções, determinações importantes dos nexos que se estabelecem entre as FPS na configuração tanto das emoções, quanto dos sentimentos. A afecção é instantânea, envolve o momento presente, a percepção, o afeto é algo que a afecção envolve, é a transição vivida do estado precedente ao atual e do atual ao seguinte, aumentando ou diminuindo a potência dos corpos.

As emoções também são FPS e, como tal, são mediadas, e é o afeto que irrompe na relação imediata e é momentânea e breve, no entanto, seu conteúdo tem história, depende da memória e dos outros das minhas relações, nelas aglutinam-se frustrações e desgostos acumulados na vida, sentimentos, que por sua vez são emoções sem prazo, o tom emocional que caracteriza a forma como me coloco no mundo. Sendo assim, segundo Sawaia (...; 2006), a afetividade é o nome atribuído à capacidade humana de elevar seus instintos à altura da consciência, pela mediação dos signos sociais, conexões conceituais que surgem em consequência da vida histórica e adquirem sentido em relações específicas. Deste modo, não sentimos simplesmente, as afecções são percebidas como ciúme, cólera, ultraje, ofensa, cujos significados estão cristalizados em palavras.

Dado seu caráter comunicativo, as palavras já trazem no seu significado conteúdos emocionais, as emoções seriam figuras, enquanto os sentimentos seriam fundos, já que são mais duradouros. Os sentimentos significam que uma pessoa está implicada com algo ou alguém e deste fato pode se constituir desde emoções simples até os sentimentos mais complexos que caracterizam a própria personalidade. Assim, as emoções e os sentimentos são constituintes da personalidade no sentido de estarem presentes no sistema motivacional, levando à ação e à atividade, constituindo características próprias que identificam a individualidade (Lane, 2006).

As emoções complexas são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica e dos conceitos construídos, que são de gênese social e histórica e influenciados por valores e ideologias, elas permitem aproximar fatos diferentes e superar a situação imediata. Os afetos não são estados psicológicos ou construtos lingüísticos, mas condição e fundamento do ser e existir, portanto, da ética (Sawaia, 2009; 2006). A emoção e o sentimento não são entidades absolutas ou lógicas do nosso psiquismo, mas significados radicados no viver cotidiano, o significado penetra na comunicação neurobiológica levando o homem a agir, não em resposta a uma estrutura e organização biológica, mas a uma ideia.

Toda emoção, introduz Sawaia (2009), faz uso da imaginação, pois é ela que amplia a experiência, permitindo ao sujeito se apropriar da experiência de outros, associar acontecimentos carentes de vínculos racionais, mudar o passado, antecipar o futuro e, assim, promover transformações. O mais importante no estudo das emoções não é a objetividade dos fatos, mas a dinâmica da vida humana, é só aí que os processos emocionais ganham sentido.

Sawaia (...) apresenta que, quando o sistema conexo das FPS se desintegra, os nexos são rompidos e bloqueados, o que faz com que uma das funções aja à margem do sistema, como senhora ou escrava dele. Essa desintegração entre intelecto e afeto é fundamental ao estudo dos problemas do comportamento. Isto é superado pelo esforço mental de integração das funções: a liberdade de ação de cada um depende do pensamento que transforma uma ação determinada pela dinâmica da situação em dinâmica do pensamento, orientado pela base afetivo-volitiva do desejo de ser livre.

Esta concepção de conexão e mediação das Funções Psicológicas Superiores pelas emoções afirma um humano com subjetividade criadora, um ser que dá respostas a partir das afecções do corpo e da mente, o irredutível humano, que possibilita a transformação social, por meio dos coletivos que as singularidades configuram. Como refletido por Sawaia (2004), sujeito de carne, osso e alma, que singulariza o “irredutível humano” nas formas como experimenta as determinações sociais e transforma e cria novas necessidades embutidas no desejo de libertação. Ele constrói a sociedade porque precisa do outro para ser feliz e autônomo, o espaço da heteronomia e autonomia está na intersubjetividade, são os encontros com outros corpos que aumentam ou deprimem a potência do conatus.

“Os seres humanos realizam a necessidade da sua natureza, uns com os outros, nunca na solidão consigo mesmos. (...) Quando somos afetados por bons encontros, nossa capacidade de existir aumenta e temos o sentimento de alegria. Quando essa capacidade diminui, sentimos tristeza. (...) Sem as afecções, a potência não se realiza em ato. Por isso os homens se unem: para aumentar a potência de vida.” (Sawaia, 2004, p. 65)

Quando os desejos individuais e interesses coletivos não são respeitados e a pessoa passa a buscar satisfação fora de si, em outros que só existem imaginariamente, solidifica-se a “desmesura do poder”. Segundo Sawaia (2004, 2009), nessa organização socioafetiva, as pessoas estão na paixão triste, paixão é sempre uma emoção reativa, uma potência imaginária, capaz de tornar insensatos e servis. Tais relações baseadas em paixão mantêm a exclusão e servidão: não se constroem relações democráticas, nem se atinge a liberdade, a “desmesura do poder” passa a ser vista como uma forma de inclusão geradora de paixões tristes. O efeito é enfraquecer o irredutível humano da subjetividade, tornando-a estratégia da exclusão, “é o vírus da violência ético-política” (Sawaia, 2004). Esse sofrimento reafirma que uma das necessidades fundamentais dos que estão em situação de pobreza é de ser respeitado e ter dignidade. Neste sentido, perguntar

por sofrimento e por felicidade significa colocar no centro a idéia de humanidade, e como temática o sujeito e como ele se relaciona com o social, de forma que fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e direitos sociais (Sawaia, 2006). O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais; a vergonha e a culpa são apresentadas como: sentimentos morais generativos e ideologizados com a função de manter a ordem social excludente.

A alienação é uma das conseqüências da dominação das paixões tristes, ela torna cada um contrário a todos os outros, cada qual imaginando satisfazer o seu desejo com a destruição do outro, percebido como obstáculo aos seus desejos (Sawaia, 2009). Também a desigualdade social se caracteriza por ameaça permanente à existência, ela cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade, impõe diferentes formas de humilhação, uma tristeza que se cristaliza num estado de paixão crônica na vida cotidiana e que se reproduz de geração a geração. Este sofrimento ético-político bloqueia o poder do corpo de afetar e ser afetado, rompendo os nexos entre mente e corpo, entre as FPS e a sociedade. Trata-se de sofrimento/paixão que se cristaliza na forma de potência de padecimento, transformando-se em um estado permanente da existência.

O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratado e trato o outro na intersubjetividade, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social, um sofrimento psicossocial pode redundar em morte biológica. Seu contra-ponto é a felicidade pública, como o sentimento da vitória como conquista da cidadania e da emancipação de si e do outro, e não apenas de bens materiais, é sentida quando se ultrapassa a prática do individualismo e do corporativismo para abrir-se à humanidade (Sawaia, 2006).

Para combater a desmesura do poder, deve-se conhecer os focos de cultos das paixões tristes, pois o sofrimento revela o grau de perseverar no irreduzível humano e as determinações existenciais sóciohistóricas que o afetam numa ou noutra direção, e depois adotar uma ontologia positiva de fundação do conceito dos direitos humanos como resultado de necessidades de potência de expansão do conatus, conhecendo as causas de nossos atos e de nossas necessidades, passando da paixão à ação, nós nos tornamos livres das idéias que reprimem e sentimos alegria (Sawaia, 2004, 2009). É preciso fortalecer as emoções alegres, que são correlatas ao conhecimento e à potência de existir/expandir por necessidade da própria natureza.

1.2.2 A Imaginação e liberdade humana: invenção do futuro e do projeto de vida

No início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos, o comportamento da criança muda. Para resolver tal tensão, segundo Vigotski (2004), a criança envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos são realizáveis, no brinquedo. A imaginação surge como um processo psicológico novo para a criança, e representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, e surge originalmente da ação. A imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação, já que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária.

A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais, a ênfase está na similitude de tudo o que está ligado ao conceito que a criança utiliza na brincadeira, a criança assim, passa a entender conceitos, as relações que mantém com estes e a relação deste com outras pessoas. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos (Vigotski, 2004).

A liberdade de ação que os adultos e as crianças mais maduras possuem é adquirida num longo processo de desenvolvimento em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê, ela passa a agir de acordo com o significado de cada situação, saindo da esfera da percepção, a ação surge das idéias e não das coisas. Segundo Vigotski (2004), este é um ponto crucial em que a estrutura básica determinante da relação da criança com a realidade está radicalmente mudada, porque muda a estrutura de sua percepção. Com o uso da imaginação, no brinquedo, a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados, entretanto, uma contradição surge, ela inclui neste brinquedo também ações reais e objetos reais.

Para Vigotski (2004), um estágio vital de transição em direção à operação com significados ocorre quando ela lida com os significados como se fossem objetos, realizando, mais tarde, esses atos de forma consciente. A criação de uma situação imaginária é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. Esta criação ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Estas aquisição no brinquedo tornam-se no futuro seu nível básico de ação real e

moralidade. “Assim como operar com o significado de *coisas* leva ao pensamento abstrato, observamos que o desenvolvimento da vontade, a capacidade de fazer escolhas conscientes, ocorre quando a criança opera com o significado de *ações*” (Vigotski, 2004, p. 120).

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do seu comportamento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. É ele que oferece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e consciência, nele aparecem as intenções voluntárias e a formação dos planos de vida real e motivações volitivas.

A Base do método dialético é estudar tanto o homem quanto seu projeto de vida em constante processo de mudança, influenciados pela cultura e pela história, e também pelas relações sociais.

Deste modo, o projeto de vida deve ser compreendido como baseado nos modos culturalmente construídos de ordenar o real e estando continuamente em processo de mudança junto com o indivíduo e o social. As concepções do projeto de vida perpassam a busca da felicidade, respaldada nas bases da cultura da cidadania e inclusão social, seguindo o caminho da razão, sem esquecer os afetos (Espinosa, 2005, apud Catão, 2007), diante da necessidade de tomada de consciência da ética e dos direitos humanos. Constitui-se ainda, num modo normal e criativo de se viver, sendo uma dialética do subjetivo e do objetivo, um produto da práxis, da relação com o outro e consigo (Triandafilhidis, 1988; Winnicott, 1975, apud Catão, 2007). Sendo assim, pode-se inferir três dimensões na organização psicológica do mesmo: a sócio-cognitiva, sócio-afetiva e espaço-temporal (Catão, 2007).

A dimensão sócio-cognitiva é caracterizada pelo estabelecimento de diálogo entre a mente e produção de idéias sobre si e sobre o mundo, uma articulação criada em nossa mente sobre o que é o social e as concepções que o indivíduo tem de si mesmo. A dimensão sócio-afetiva é caracterizada pelos entrelaçamentos entre as questões sociais postas ao indivíduo e como ele é afetado por estas questões, capturando nesta dimensão seus afetos, paixões e ética, pela mediação entre o sofrimento e a felicidade. A dimensão espaço-temporal é caracterizada pelo modo como o indivíduo age no presente, se baseando no passado e pensando no futuro, é como o indivíduo concebe o que é e o que deve ser (Catão, 2007).

A perspectiva do tempo futuro consiste no estabelecimento de metas de vida, também denominadas de tarefas de vida, a antecipação no presente de metas futuras, projetos pessoais ou possíveis “eus” (Brickman & Miller, 2001; Markus & Nurius, 1976; apud Locatelli, Bzuneck & Guimarães, 2007). No cumprimento dessa exigência, a criança e o adolescente recebem a mediação de variáveis como família, colegas, escola, mídia, idade cronológica, nível socioeconômico e também possivelmente inteligência (Lens et al., 2002, como citado em Locatelli, Bzuneck & Guimarães, 2007). Segundo Paredes e Pecora (2004), o futuro caracteriza-se por ser a instância das aspirações, desejos, medos, preocupações e esperanças, e estudar esse projeto de vida entre jovens se refere a conhecer o que pensam, o que sentem e quais seus planos e projetos relativos às suas vidas futuras e os empecilhos que qualificam como possíveis impedimentos ou estorvos.

Os indivíduos são criadores de projetos, o que os leva a participarem de sua cultura, de sua história e a serem sujeitos de si. Caracteriza-se assim, a dialética do subjetivo e do objetivo. A construção do Projeto de Vida é processo e produto da transformação constante do indivíduo e coletivos a partir das práticas sociais, da relação com o outro e consigo. É concebida uma estreita relação entre Projeto de Vida e identidade pessoal, na qual pode-se dizer que a noção projeto/identidade é inseparável da noção de pertença social e cultural. A visão de mundo dá sentido à construção do Projeto de Vida e é no horizonte das relações com os outros, com as coisas, com a natureza, com o passado, e com o futuro que o homem se faz, se objetiva, se constitui numa identidade (Catão, 2007).

De acordo com Santos (2002), as representações de futuro se constroem a partir de vários elementos, entre eles, o meio social, as identificações pessoais, o trabalho, a formação acadêmica, a formação familiar e a aquisição de bens materiais, como componentes para adquirir um sentido de auto-realização e inclusão social e que converge para as crenças e valores familiares (Nascimento, 2002; apud Paredes e Pecora, 2004; Oliveira, Pinto e Sousa, 2003; Block e Liebesny, 2003). Sendo assim, a perspectiva de futuro enquanto Projeto de Vida é vivenciada já na infância, segundo Catão (2007), existe um espaço comum de representações possíveis que favorecem a construção do projeto de Vida através de definições, emoções, sensações, imagens que se forjam no senso comum, num dado grupo, perpassado por um contexto e uma cultura que orientam sua conduta e permitem a atividade. Neste processo de construção, as pessoas não tendem a se adaptar, mas sim crescer, no sentido do desenvolvimento de criar novas maneiras de

pensar, de definir os limites, de modificar o ambiente e ampliar a rede de relações sociais, é crescimento de ambas as partes na díade indivíduo/grupo ou minoria/maioria.

Em estudos com adolescentes e adultos em situação de exclusão social, apreendeu-se o Projeto de Vida como: pensamento/reflexões sobre escolha de vida e desenvolvimento humano; subsidiando expressões de inclusão/exclusão; tendo o trabalho como mediador entre si e o mundo; como sentido e valor de vida; manutenção financeira e de qualidade de vida. Delineia-se então, em torno da tríade Trabalho/ Educação/ Família, como um conjunto de desejos que se pretende realizar e para a realização desses desejos, configuram-se uma série de metas, planos ou etapas a serem vencidas rumo ao futuro. Nesta configuração os grupos situam-se de forma confusa entre aquilo que querem e aquilo que consideram possível de conseguir (Catão, 2007). Essa tríade que delineia o projeto de vida também foi verificada nos estudos de Paredes e Pecora (2004) que apresentam a categoria de formação acadêmica ancorada na possibilidade de ascensão social e objetivada na metáfora “ser alguém na vida”. Segundo estes autores, a categoria formação acadêmica pareceu ter relação com a categoria de trabalho, e as duas conduziram à qualidade de vida.

1.2.3 A consciência/reflexão/práxis do real/mundo vivido

A consciência, como função psicológica superior, surge originalmente da ação que vai se configurando na processualidade de constituição do ser humano, no movimento da ação observável a não observável, da ação voluntária à involuntária, nos movimentos de relação interpessoal aos movimentos de relação intrapessoal e nos estágios de internalização (Catão, 2007). Vygotsky compreendia que o sujeito não se constituía a partir de fenômenos internos e nem se reduzia a um mero reflexo passivo do meio, para ele o sujeito se constituía na relação, e a consciência também não era apenas a fonte dos signos, mas o resultado deles. Segundo ele, é pela internalização progressiva de instrumentos de cooperação que se constrói o pensamento consciente, que transforma e regula as outras funções psíquicas, a consciência é, então, como um contato social consigo mesmo. Os signos são os meios de contato com o mundo exterior e também consigo mesmo e com a própria consciência, portanto, os signos são a única maneira adequada para o estudo da consciência humana (Freitas, 2002). A consciência e as funções

superiores se originam no espaço exterior, na relação com os objetos e as pessoas, nas condições objetivas da vida social.

As palavras desempenham um papel central, não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução da histórica da consciência como um todo. O pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana, uma palavra é um microcosmo dela (Vygotsky, 2005). Sendo assim, a consciência se desenvolve pela mediação da linguagem e do pensamento, portanto, na sua essência, é social, já que o ser humano só o é na relação com os outros. O movimento desta função psicológica superior é impulsionado pelas emoções que levam à reflexão e à ação, podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência, como fragmentá-la (Lane, 2006).

“Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto, somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com essa bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam.” (Lane, 2006)

Neste sentido, a consciência constituída pela mediação de pensamento, linguagem e emoções e afetos contraditórios entre o que se sente, e o que se deveria sentir pode levar tanto à sua fragmentação, como à fragmentação da atividade. A possibilidade de transformar o mundo material mediante o emprego de ferramentas estabelecia as condições para modificação da própria atividade reflexa e sua transformação qualitativa em consciência. Este processo, porém, se completa mediado pela construção de uma classe especial de ferramentas: os signos proporcionados essencialmente pela cultura, pelas pessoas do meio (Freitas, 2002).

1.2.4 A personalidade – do bem-estar ao desconforto/defectologia/patologia: Estrutura e configurações

No processo de desenvolvimento do homem, as funções psicológicas superiores (FPS) evoluem passando por mudanças em seus nexos, mudanças interfuncionais, na estrutura interfuncional, de maneira que surgem novos agrupamentos, desconhecidos no nível anterior. O sistema psicológico se refere às relações entre as FPS mutáveis, contidas num processo.

Para compreender como se dá a mudança de nexos, segundo Vigotski (2004), é necessário estudar as funções mais simples, como a percepção. Em crianças em idade pré-escolar, a

percepção se constitui como unidade sensório-motora, ou seja, os processos motores e sensoriais constituem um todo único, a motricidade responde imediatamente a uma sensação externa. No adulto esta unidade se quebra, o que caracteriza a motricidade do adulto não é sua constituição inicial, mas as novas conexões, os novos nexos entre a motricidade com as demais FPS, outras esferas da personalidade. O desenvolvimento posterior da percepção consiste em estabelecer uma complicada síntese com outras funções, concretamente com a da linguagem. A percepção começa a atuar em conjunto com as demais funções como um sistema novo, que é bastante difícil de decompor e cuja desintegração só é observada nas patologias.

Toda forma superior de comportamento aparece em cena primeiro como forma coletiva, intersicológica, o pensamento não surge antes que a discussão tenha surgido em seu grupo social. A origem social das FPS constitui um fato muito importante, e todo signo, se tomarmos sua origem real é um meio de comunicação, ou um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Isto é possível graças à linguagem. No princípio, o pensamento está a serviço das emoções, depois surge o mecanismo psicológico cuja origem é determinada por um sistema conceitual, pelo valor que se dá a tal ou qual função. As conexões são feitas por signos sociais, ideologias, o significado que a função psíquica adquire na consciência do homem (Vigotski, 2004).

A idade de transição da adolescência é marcada por um sistema complexo de variação de concepções e de aparecimento de outras novas, se baseia na mudança de conexões. Segundo Vigotski (2004), é característico da adolescência a passagem das funções para dentro: o que para o escolar é externo no âmbito da memória lógica, da atenção arbitrária, do pensamento, torna-se interno no adolescente. A interiorização se realiza porque as operações externas se integram em uma função complexa e em síntese com toda uma série de processos internos.

Deste modo, o conceito é compreendido como um sistema psicológico. A lógica dialética mostrou que o conceito não é um esquema tão formal, um conjunto de traços abstraídos do objeto, mas que oferece um conhecimento muito mais rico e completo do mesmo. A formação de conceitos consiste no estabelecimento de conexões do objeto em relação a outros objetos, no encontro de um conjunto real, ou seja, no conceito real encontramos todo o conjunto de suas relações: uma concepção de mundo (Vigotski, 2004).

Sendo assim, com base em Vigotski (2004), a idade de transição é a idade de estruturação da concepção do mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência e das ideias

coerentes sobre o mundo. O seu estabelecimento sobre a base da autoconsciência refere-se ao fato de que relacionemos conscientemente uma determinada função com outras, de forma que constituam um sistema único de comportamento.

A esquizofrenia e a idade de transição estão em relação inversa, na medida em que na primeira há uma desintegração das funções que se criam na segunda. A primeira coisa que se desintegra no esquizofrênico é a função de formação de conceitos, todo o comportamento do esquizofrênico passa a ser regido por seus afetos, as ideias e os sentimentos não variam, mas todos perdem as funções que desempenhavam no sistema complexo (Vigotski, 2004).

Os afetos trabalham num complicado sistema com os conceitos: o desenvolvimento histórico dos afetos consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surge uma nova ordem e novas conexões, o conhecimento de nossos afetos altera nosso sistema de conceitos, transformando-o de um estado passivo em outro ativo.

Desta forma, “Nos casos mais elevados, quando nos achamos em presença de individualidades humanas que revelam o grau máximo de perfeição ética e a mais maravilhosa vida espiritual, encontramos-nos diante de um sistema no qual o todo mantém relação com a unidade. (...) o homem pode com certeza reduzir a um sistema não apenas funções isoladas, mas criar também um centro único para todo o sistema.” (Vigotski, 2004).

Por outro lado, a Psicopatologia é caracterizada por um sofrimento, que, segundo Berlinck (2010), um sofrimento que porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno. Como paixão torna-se uma prova e como tal, sob a condição que seja ouvida por alguém, trás em si mesma o poder de cura. É aí que está a posição do analista, uma paixão não pode ensinar nada se não for ouvida. E embora este sofrimento psicológico possa levar à desadaptação social e esta possa determinar uma ordem de distúrbio psíquico, não se pode, segundo Bock (2002), estabelecer sempre uma relação de causa e efeito entre ambos.

Sendo assim, pode-se refletir que o conceito de normal e patológico é extremamente relativo. Segundo Bock (2002), do ponto de vista cultural, o que numa sociedade é considerado normal, adequado, aceito ou mesmo valorizado, em outra sociedade, ou em outro momento histórico pode ser considerado anormal, desviante ou patológico. O que pode indicar que a doença mental é uma construção da sociedade, isto é, que a doença mental não existe em si, mas é uma ideia construída, uma representação para dar conta de diferenciar, isolar determinada ordem de fenômeno que questiona a universalidade da razão.

E falar em doença mental, implica falar em sua cura, prevenção e, principalmente, promoção da saúde mental. A prevenção da doença mental significa criar estratégias para evitar o seu aparecimento; enquanto a promoção da saúde significa pensar na superação das condições desencadeiam ou determinam a loucura. Isto implica ao psicólogo, na Orientação Psicossocial, pensar o homem como totalidade, isto é, como ser biológico, psicológico e sociológico e, ao mesmo tempo, em todas as condições de vida que visam propiciar-lhe bem-estar físico, mental e social (Bock, 2002). É preciso compreender que a saúde mental é, além de uma questão psicológica, uma questão política, e que interessa a todos os que estão comprometidos com a vida.

2 MÉTODO

2.1 A ANÁLISE CLÍNICA PSICO-SÓCIOHISTÓRICA: DA TEORIA AO MÉTODO

Utilizando o método de análise estudado e proposto por Vigotski, coloca-se como objeto de estudo do analista o subjetivo do humano. A análise busca capturar o sujeito e sua subjetividade, enquanto configuração intersubjetiva ativa, através da identificação e análise dos significados e sentidos do problema social, vivenciados de forma sócio-cognitiva-afetiva, pelos coletivos em processo de exclusão, no seu cotidiano. Deste modo, o tema da exclusão/inclusão é colocado como um mediador entre o indivíduo e a sociedade. A análise concentra-se na fala, nos sentimentos e sua forma de ser e viver no mundo (Catão, 2007).

Na perspectiva aqui estudada, a análise dos problemas sociais se configura como a captura do desconforto sentido pelos seres humanos. A análise, então, irá centrar-se no humano para a compreensão da gênese de seu sofrimento ético-político, seu padecimento com relação a sua vida, as contradições entre o que é e o que o indivíduo gostaria que fosse. Assim, como colocado por Catão (2007), o estudo do psicológico na configuração dos problemas sociais tem no indivíduo sua unidade de objetivação, com seus processos psicológicos e suas implicações no mundo.

“Apesar de socialmente delineadas, essas implicações são sentidas pelo humano como falta de prazer, carência, sofrimento, emoção, necessidade do eu, responsabilidade e consequência pela situação vivida, vitimização e/ou protagonismo, solidariedade e/ou violência, entre outros aspectos.” (Sawaia, 2000, citado por Catão, 2007)

Analisar as implicações entre o ser humano e os problemas sociais é provocar reflexões sobre as configurações dessa relação, tomando como referência os afetos, suas formas de expressão e de intensidade, sem perder de vista a posição que ocupam na divisão social do trabalho, o seu lugar social atual e em termos de perspectivas de futuro (Catão, 2007).

Segundo Vigotski, a análise é uma práxis que tem o propósito de não só estabelecer relações, mas também de dissecá-las, esquadrinhá-las teoricamente, de modo a servir de instrumento para a reflexão e a mediação. Em consequência, Catão (2007) propõe que é preciso chegar a uma análise que possa dar conta dos fatores determinantes do problema social e do papel do sujeito na sua genealogia. O método de análise, então, seria a psicossocianálise, que busca capturar, historicamente, as implicações mútuas envolvidas na relação entre o ser humano e os

problemas sociais, revelando, nesta captura, o processo genético de constituição desta relação, que se configura pela ação e determinação, contínuas e recíprocas, do mundo sobre os seres humanos e destes sobre o mundo.

Utilizando este método de análise partimos do princípio de que a unidade de análise dos problemas sociais é a subjetividade, estudando as partes constituintes e o todo complexo. Assim possibilita demonstrar a organização de um sistema dinâmico das funções psicológicas que se configuram continuamente, mediadas pelos significados e situações sociais, mostrando que “cada idéia contém um sentido afetivo, revelador do subtexto das palavras, que é transmutado com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere” (Catão, 2007).

O método de análise é configurado em toda a extensão do fenômeno, desde a concepção de constituição do ser humano até o problema social concreto, e a tarefa do analista está relacionada à reconstituição da origem e do curso do processo na sua temporalidade, pois, sendo um processo dinâmico-causal, configura-se na constituição histórica do ser humano. Segundo Catão (2007), o analista estuda o desenvolvimento do contexto de origem ao contexto de articulação, num processo contínuo de relação com o sujeito, de reflexão e crítica, formado pela linguagem da fala e do corpo e suas afecções, na tentativa de capturar o real. Portanto, analisa-se significados, sentidos no não-dito, o encoberto, as possibilidades do vir-a-ser, compõe-se um plano de análise interna que tem como objetivo descobrir e capturar os meios utilizados pelos seres humanos para organizar o seu próprio comportamento.

Na história da psicologia, as funções psicológicas superiores permaneciam um livro fechado, a psicologia experimental se limitava ao método da introspecção, por isto os processos psicológicos eram vistos como reativos, não admitindo estudos deste tipo às funções psicológicas superiores (Vigotski, 2007).

No entanto, baseado na abordagem materialista dialética da análise da história humana, Vigotski propõe (2007) que o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido, por isto a necessidade de uma nova metodologia para a investigação psicológica.

Esta abordagem admite a influência da natureza sobre o homem, mas afirma que também o homem age sobre a natureza e cria novas condições para sua existência. Sendo assim, três princípios formam a base da análise das funções psicológicas superiores: análise de processos; explicação dos processos; análise genotípica do comportamento fossilizado.

A análise de processos se contrapõe à análise de objetos no ponto em que requer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos. Vigotski (2007) expõe que, assim como Werner (1948), defende uma abordagem do desenvolvimento como um adendo essencial à psicologia experimental. Usando esta abordagem pode-se, em condições de laboratório, provocar o desenvolvimento.

“Nosso método pode ser chamado de método ‘desenvolvimento-experimental’, no sentido de que provoca ou cria artificialmente um processo de desenvolvimento psicológico. (...) Se substituirmos a análise do objeto pela análise de processo, então, a tarefa básica da pesquisa obviamente se torna uma reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo (...)” (Vigotski, 2007).

A abordagem dialética de Vigotski (2007) também pressupõe a explicação de um fenômeno com base em sua origem, o que é chamado de análise genotípica, revelando sua gênese e suas bases dinâmico-causais. Deste modo, dois processos fenotipicamente idênticos ou similares podem ser radicalmente diferentes em seus aspectos dinâmico-causais e vice-versa. Nesses casos são necessários meios especiais de análise científica para pôr a nu as diferenças internas escondidas pelas similaridades externas. “A tarefa da análise é revelar essas relações” (Vigotski, 2007). A análise objetiva inclui uma explicação científica tanto das manifestações externas, quanto do processo em estudo, ela explica as idiossincrasias fenotípicas correntes subordinando-as à descoberta de sua origem real.

A análise psicológica se defronta com processos que esmaeceram ao longo do tempo, se tornaram fossilizados, ou comportamentos mecânicos. Neste caso (Vigotski, 2007), como estuda o processo de estabelecimento das formas superiores de comportamento, o analista, como pesquisador, altera o caráter automático fazendo-as retornar à sua origem, esse é o objetivo da análise dinâmica. As funções rudimentares devem ser o ponto de partida para o desenvolvimento de uma perspectiva histórica já que a forma fossilizada de comportamento é o final de uma linha que une os estágios superiores de desenvolvimento aos estágios primários.

“Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético. (...) significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência, uma vez que ‘é somente em movimento que um corpo mostra o que é’.” (Vigotski, 2007).

Ao estudar a emoção, o analista não está preocupado em aprimorar um conceito do psiquismo ou em conhecer formas para controlá-la, mas em rever a metodologia e superar a epistemologia dualista da Psicologia, que separa mente de corpo e intelecto de emoção. Segundo Vigotski (citado por Sawaia), esta é a abordagem da emoção como positividade epistemológica, superando a tradicional abordagem negativa, nas quais a afetividade é perigosa porque está associada à individualidade, ao incontrolável, à patologia. Na análise sócio-histórica, a gênese do pensamento é explicada pela conexão entre o intelectual, o afetivo e o volitivo. Esta conexão é dialética, mediada e compreendida num processo histórico.

Desta forma, a verdadeira compreensão do sentido da palavra e do pensamento consiste em penetrar nos motivos e afetos do interlocutor. Este motivo constitui o subtexto e é a base afetivo-volitiva do pensamento (Sawaia). Esta base afetivo-volitiva é consciente, pois é sempre experimentada, é vivida e conhecida da consciência, é um sentimento.

A regra em um conflito mental, como afirmado por Vigotski (citado por Sawaia, 2009), é dividir e governar: dividir o que está indiferenciado, superá-los, para o domínio das emoções encontrar uma saída é uma questão de esforço mental. Isto no sentido de que a liberdade de ação de cada um depende do pensamento que transforma uma ação determinada pela dinâmica da situação em dinâmica do pensamento, e não se pode confundir tal tese com dominação racional da emoção, pois o pensamento não é função da razão e não ocorre sem emoção. São as emoções, sentimentos, afecções do corpo que desempenham papel de critério ético seletivo no processo de conhecimento, a afetividade ordena nossos pensamentos e as nossas imagens, o que leva à diminuição ou aumento da potência de ação do corpo.

Como analisado por Sawaia (2009), a Psicologia sócio-histórica analisa a relação entre subjetividade e desigualdade procurando romper a dualidade social/singular, é uma perspectiva que entende que por trás da desigualdade social há vida, há sofrimento, medo, humilhação, mas também há a vontade de ser feliz. A subjetividade deixa de ser perturbadora para ser constituinte da objetividade social. Sendo assim, a análise da desigualdade social nesta perspectiva centra-se em duas dimensões: os afetos e a imaginação, no sentido de uma atuação do psicólogo no que há de mais singular da ação política emancipadora.

Primeiramente são analisados os afetos como a base tanto da servidão, como da liberdade. Segundo Espinosa (citado por Sawaia, 2009), o homem é um grau de potência, uma força interior para se conservar, perseverar na própria existência, um conatus. Este é a expansão do corpo e da

mente na busca da liberdade, da felicidade. A análise tem, como um dos objetivos, fortalecer as emoções alegres, que são correlatas ao conhecimento e à potência de existir/expandir por necessidade da própria natureza.

“Essa ontologia espinosana é importante para superar a concepção de que a liberdade tem pouco valor para quem vive em estado de pobreza e que, portanto, não se justifica trabalhar a liberdade quando se passa fome. (...) O cerceamento de seu direito de escolher e de ser reconhecido gera tanto sofrimento quanto a falta de moradia, pois é fruto da falta de liberdade” (Sawaia, 2007; Espinosa, 1977, citado por Sawaia, 2009).

Em segundo lugar, nossa alma tem idéias imaginativas, baseadas nas imagens que nascem nas afecções instantâneas, ilusórias, constituindo o primeiro nível de conhecimento. Segundo Sawaia (2009), quando ficamos presos a esse nível de conhecimento, estamos dominados por paixão, ou seja, por um modo de existir sustentado pela servidão. Nessa situação a força do conatus é enfraquecida e submete-se a essas ilusões, o que constitui a alienação.

Desta forma o princípio regulador sobre o qual se pode agir para atingir a emancipação é a potência de ação, entendido como o direito que cada indivíduo tem de ser, de se afirmar e de se expandir, cujo desenvolvimento é condição para atingir a liberdade. O seu contrário é a potência de padecimento, envolta em paixões tristes e alegrias passivas, que gera servidão, situação em que se colocam nas mãos do outro as idéias sobre as afecções do próprio corpo (Sawaia, 2006).

Para salvar o homem da alienação, Espinosa (citado por Sawaia, 2009), esboça uma terapêutica das paixões, segundo a qual, para suprimir uma paixão, a razão precisa ser uma afecção: somente quando os limites impostos à potência de vida pela paixão forem sentidos como afeto de tristeza, a expansão do corpo for sentida como alegria e a ignorância como tristeza, o nosso corpo e alma passam a desejar conhecer as causas de nossos atos e de nossas necessidades, passando da paixão à ação. Nessa compreensão, nos tornamos livres das idéias que nos dominam e sentimos alegria. Sendo assim, é na busca da compreensão da criatividade, da criação e da fruição do belo o papel da imaginação na liberdade humana, mediada pelas emoções, com base nos vínculos da imaginação e do pensamento com a afetividade.

Vigotski (1998, citado por Sawaia, 2009) elege a catarse como, não apenas a descarga de sentimentos com a sua conseqüente tranquilização, mas como o confronto de paixões contrárias, que gera a complexa transformação dos sentimentos. A imaginação na observação e análise da

arte, portanto, suscita no humano emoções, acarretando a complexa transformação de sentimentos.

A desigualdade social se caracteriza por ameaça permanente à existência e a relação entre as ameaças provenientes da desigualdade social e as respostas afetivas dos que a ela se sujeitam compõe um processo psicológico-político poderoso à reprodução da desigualdade. Por isso Sawaia (2009), utilizando-se das reflexões de Espinosa e Vigotski, orienta para uma terapêutica estético-política, apontando procedimentos inusitados à atividade revolucionária, como estimular a criatividade vigotskiana e a felicidade espinosana, demonstrando que elas são fundamentais à passagem do momento passional-ilusório e reprodutor ao momento afetivo-transformador. Esta terapêutica e forma de análise exprime que:

“- Viver é mais que sobreviver. O homem tem necessidade (...) de bons encontros potencializadores de liberdade, felicidade e fruição do belo.
- A transformação social não se dá pela derrubada do tirano. Ela requer ações diferentes, mas combinadas para combater as relações de servidão, e uma delas é sempre a mais urgente: agir no *sofrimento ético-político*.” (Sawaia, 2009, p. 370)

Sendo assim, a Psicologia sócio-histórica na clínica procura estabelecer paralelo entre os passos desenvolvimentais de Vigotski e as estruturas de personalidade quanto às formas de processamento e mediação do real, capturando o sentido subjetivo que modela a experiência de vida e é construído no intercâmbio bio-psico-social de cada ser, utilizando como método o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, centrado no intercurso das emoções e seus significados na análise psicológica. Deste modo, a análise é um tipo de diálogo no qual emergem os sujeitos do processo constituídos em suas histórias e diferenças. Como no Modelo Relacional Dialógico (Leal, 1999, citado por Dias, 2006), a análise psico-sóciohistórica estabelece uma ligação entre os passos do desenvolvimento e as estruturas de personalidade, sendo esta conceituada como forma de processamento e mediação do real, percepção própria e dos outros, defesas e modo de relacionamento. Para tanto, considera-se as mediações entre a história de vida dos indivíduos e suas vidas concretas, pelo pensamento, emoções, linguagem, entre outras funções psicológicas superiores, sempre intermediadas e em processo de desenvolvimento.

O analista, pois, exerce papel de mediador utilizando o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, correspondendo às atividades que o sujeito ainda não consegue realizar sozinho, mas consegue com a ajuda do mediador, até que faça sozinho (Dias, 2006). O mediador analisa o desenvolvimento, orientando o cliente a produzir o aparecimento de novas

maneiras de pensar e de processos de modificação de esquemas de desenvolvimento. A intervenção do analista como mediador, orienta e intermédia trocas, favorecendo o conflito cognitivo e a busca de resolução dos mesmos: percebe-se que a troca de experiências vai sendo edificada a partir da reflexão e da construção Eu/Outro, fator fundamental para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos envolvidos.

A relação analítica favorece, então, a tomada de consciência acerca das decisões, um processo interpessoal se converte em intrapessoal: a ação interior constitui-se primeiro sob a forma de uma ação exterior desenvolvida, e depois interioriza-se, transformando-se em ação interior, perpassando uma ressignificação. Essa relação é dialógica e dialética: a primeira quanto ao diálogo, que emerge num processo dinâmico de construção de si mesmo; a segunda quanto à implicação numa visão de homem e de mundo como totalidade inserida na concretude. Segundo Dias (2006), é uma relação melódica na qual o analista deixa que o outro tome a iniciativa e depois acompanha seus passos com repetições e ecos, numa dualidade. O falar, pois, corresponde a agir, a palavra se torna espaço para o indivíduo se expressar e constituir a sua própria existência. A relação “é um dos lócus onde ocorre a ampliação da consciência e que busca uma visão totalizante do fenômeno humano, estimulando a criação de sentidos individuais com relação ao todo da vida. Promove um autoconhecimento, permite maior equilíbrio entre o sentir, o pensar e o fazer” (Dias, 2006, p. 5).

Para que esta relação seja possível, Marangoni & Aires (2006) colocam como objetivos para a formação de analistas na abordagem psico-sóciohistórica: Desenvolver raciocínio clínico e posturas interventivas adequadas segundo a abordagem Sócio-histórica; Compreender o desenvolvimento do psiquismo humano segundo a concepção social/relacional do ser humano; Desenvolver um pensamento crítico a respeito da concepção naturalista e estruturalista do psiquismo humano.

Neste sentido, a formação é voltada para o desenvolvimento da consciência crítica e da atividade transformadora, já que a intervenção é direcionada para produzir transformações no outro e no meio social no qual está inserido, para tanto, é preciso o sentido de Responsabilidade do analista (Marangoni & Aires, 2006). Como responsabilidade se constrói como deve ser a postura do analista na experiência de receber a palavra, já que a qualidade do diálogo na relação terapêutica determina os processos de sentido e significação, gerando novos espaços de subjetivação, os quais permitem ao cliente reposicionar-se em relação aos conflitos vividos (Dias,

2006). O analista também tem que ser capaz de se emprestar na relação (Marangoni & Aires, 2006; Dias, 2006), desenvolvendo uma compreensão empática no ato da relação, contextualizando todo o sofrimento explícito e implícito do cliente, assumindo um papel na ação de reconhecimento de toda a sua dor desestruturada.

2.2 LOCAL

Os atendimentos foram realizados em três espaços: na Comunidade São Rafael, localizada na cidade de João Pessoa, no bairro do Castelo Branco; na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba; e na Fundação Cidade Viva, localizada no bairro do Bessa na mesma cidade.

2.3 PARTICIPANTES

Participaram dos atendimentos do SEOP indivíduos que procuraram o serviço nos espaços parceiros: USF São Rafael, Clínica-Escola de Psicologia e Fundação Cidade Viva. No primeiro espaço de atendimento são recebidos os moradores da Comunidade São Rafael, entre adolescentes e idosos, tendo renda mensal baixa. Na clínica-escola de psicologia são atendidos estudantes de escola pública e particular e, ainda, da própria universidade, sendo priorizados aqueles cujas rendas mensais são mais baixas, entre adolescentes e idosos. Na Fundação Cidade Viva os participantes são familiares/cuidadores de dependentes químicos que os acompanham num programa desenvolvido pela Fundação, o Corredor da Vida, entre adolescentes e idosos, e tendo rendas mensais baixas a médias e altas.

2.4 PROCEDIMENTO DE PESQUISA/INTERVENÇÃO: O SEOP

O SEOP é o Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial, Projeto de Vida e Trabalho, realizado pelo NEIDH – Núcleo de Estudos Psicossociais da Inclusão/Exclusão social e Direitos Humanos, em parceria com a Clínica-Escola de Psicologia da UFPB. O SEOP se realiza em sistemas de plantões semanais durante os quais são atendidas as pessoas que chegam aos espaços do projeto em busca da escuta. Esta escuta, tanto individual quanto em grupo, é um processo que

se desenvolve em, em média, 6 a 8 sessões que envolvem seis eixos temáticos: Significados da Orientação Psicossocial, Significados de mundo, Significados de si no mundo, Significados de si, Trabalho e Projeto de Vida.

No espaço da Comunidade São Rafael, as escutas foram realizadas na Unidade de Saúde da Família São Rafael, Posto de Saúde da comunidade, em sistema de plantão semanal nas sextas-feiras pela manhã, e posteriormente na terça pela tarde, em parceria com a Clínica-Escola de psicologia e NEIDH- Núcleo de Exclusão/Inclusão Social e Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba. Na Clínica-Escola de Psicologia as escutas também se realizaram em sistema de plantão nas quartas-feiras pela manhã. Na Fundação Cidade Viva, as escutas se realizaram em formato de grupo focal nas quartas-feiras no horário das 19 às 21 horas.

O método da psicossocianálise (Catão, 2007), como análise psicológica dos problemas sociais, será utilizado na busca por capturar, historicamente, as implicações mútuas envolvidas na relação entre o ser humano e o problema social enfocado. Essa relação se configura através da ação e da determinação, contínuas e recíprocas, do mundo sobre os seres humanos e destes sobre o mundo e a psicossocianálise possibilita a compreensão desse fenômeno complexo que exige trabalho analítico nas dimensões temporais da vida humana, representadas pelo passado, presente e futuro (Vigotsky, 2005, apud Catão, 2007). Partimos do princípio de que a unidade de análise dos problemas sociais é o ser humano e sua subjetividade, que é configurada no movimento de mudança, na história, mediada pelos significados e situações sociais, até a análise do problema social concreto. Este método visa à captura do real e, principalmente, a orientação para a ação, num processo contínuo de reflexão e crítica, formado pela linguagem da fala e do corpo e suas afecções, indagando-se sobre o que, o quando, o onde, o como e o porquê na constituição do problema em análise (Catão, 2007).

2.5 INSTRUMENTOS

Foi utilizado o instrumento de estudo de caso histórico-organizacional em todos os espaços de atuação, com o qual foi possível conhecer o vivido partindo-se do conhecimento que já existia sobre cada um dos espaços estudados. Esta informação prévia é básica para delinear preliminarmente os procedimentos de pesquisa e intervenção (Triviños, 1987). Posteriormente foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, para investigar as histórias de vida. Esta técnica,

ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que os sujeitos tenham a espontaneidade necessária para enriquecer a investigação. Segundo Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses e também de toda informação que o investigador já recolheu sobre o fenômeno social que interessa.

Utilizando o enfoque dialético foi desenvolvida uma pesquisa-participativa, que como descrita por Triviños (1987), permite ao pesquisador não ficar fora da realidade que estuda, a participação dele envolve-o na vida própria da comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais. A pesquisa está marcada pelos traços culturais peculiares do investigador, e sua interpretação e busca de significados da realidade que investiga não pode fugir às suas próprias concepções do homem e do mundo. Assim, o investigador participante não só estuda as pessoas, mas aprende das pessoas. A pesquisa-participativa possibilitou um mapeamento psicossocial dos espaços estudados em que foram feitas intervenções.

O grupo temático também foi estudado durante a pesquisa com o objetivo de fazer uma intervenção em grupo de orientação de construção do Projeto de Vida. O grupo temático ou grupo focal é uma técnica de pesquisa que permite a obtenção de dados de natureza qualitativa a partir de sessões grupais com pessoas que compartilham algum traço comum (Westphal, Bógus & Faria, 1996).

3 RESULTADOS

3.1 ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO /SUPERVISÃO DE ESTÁGIO

As atividades de Orientação/Supervisão de estágio se desenvolveram nas segundas-feiras das 13 às 15 horas no NEIDH – Núcleo de Estudos da Exclusão/Inclusão social e Direitos Humanos, e as atividades programadas foram desenvolvidas nos espaços em que o SEOP se fez parceiro: USF São Rafael, Clínica-escola de Psicologia e Fundação Cidade Viva. A programação de leitura e de atividade é descrita a seguir:

Programação de leitura:

1. A Configuração psico-sóciohistórica da Igualdade e Desigualdade Social e da diferença/diversidade humana: o direito de ser humano.
2. Do ser humano: A configuração do Sistema Psicológico especificamente humano.
3. As emoções, as paixões e Potência de ação/padecimento.
4. A Imaginação e Liberdade Humana: Invenção do futuro e do Projeto de Vida.
5. A consciência/reflexão/práxis do real/mundo vivido.
6. Personalidade – do bem-estar ao desconforto/ defectologia/ patologia: Estrutura e configurações.
7. Desenvolvimento Humano, Aprendizagem e Desenvolvimento proximal.
8. A Análise clínica psico-sóciohistórica: da teoria ao método.

Programação de atividades:

- Divulgação/Informação do SEOP nos espaços de atendimento;
- Sistema de plantão nos espaços de atendimento;
- Inscrição de familiares/cuidadores de dependentes químicos da Fundação Cidade Viva para GEOP – Grupo de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e trabalho;
- Atendimento individual nos espaços parceiros;
- Atendimento grupal na Fundação Cidade Viva;
- Análise dos casos atendidos com relatórios de atendimento;
- Discussão e apresentação de casos atendidos para o NEIDH;

- Desenvolvimento de relatório de estágio.

3.2 GT - NEIDH/SEOP

O GT é o Grupo de Trabalho desenvolvido no NEIDH em parceria com o SEOP – Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e Trabalho.

O GT se realiza nas segundas-feiras das 15 às 17 horas na sala do NEIDH. Nestas reuniões são discutidos textos e casos clínicos de Orientação Psicossocial, entre outras atividades do SEOP.

Na Programação de leitura constou:

1. Emoções (Sawaia);
2. Clínica psico-sóciohistórica;
3. Questões de método;
4. História de vida, mediações e internalização psicológica;
5. Escuta e fala interior: Pensamento e Linguagem;
6. Observação participante e participação;
7. Grupo focal e identidade;
8. Desenvolvimento humano e Desenvolvimento proximal;
9. Sistema psicológico e Funções psicológicas voluntárias;
10. Consciência e inconsciente.

Na programação de atividades do GT/NEIDH constou:

- Treinamento de escuta em Orientação Psicossocial;
- Discussão de textos;
- Role playing;
- Discussão de relatórios do Role playing;
- Análise e discussão de relatórios;
- Análise e discussão de casos;
- Análise e discussão de pesquisas;
- Desenvolvimento de artigos de pesquisas;
- Discussão de atividade a serem realizadas nos espaços parceiros do SEOP;

- Divulgação/Informação do SEOP;
- Treinamento para formação do GEOP Cidade Viva.

3.3 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, PUBLICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTO

Como produção de conhecimento são apresentados textos desenvolvidos com base em pesquisas bibliográficas e de campo com foco em publicação de artigos e resumos em eventos.

Como produção de conhecimento citamos a Monografia: “Projeto de Vida e Trabalho por jovens em processo de exclusão/inclusão em Comunidade de Baixa renda: Pesquisa e Intervenção.” Desta produção se desenvolveram dois artigos: “Comunidade de Baixa renda e Projeto de Vida por líderes comunitários”, este já encaminhado para publicação, e “Jovens em Comunidade de Baixa renda: Projeto de Vida e Trabalho”, ainda em fase de encaminhamento.

A seguir são mostradas as participações em eventos:

1. “Escuta em orientação profissional projeto de vida e trabalho: uma experiência em clínica escola” no II Congresso Latino-americano de Orientação Profissional da ABOP e IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional.
2. “Orientação Profissional e projeto de vida: uma experiência em escola pública” no II Congresso Latino-americano de Orientação Profissional da ABOP e IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional.
3. “Projeto de vida por líderes comunitários na Comunidade de Baixa renda” no Congresso Psicologia Ciência e Profissão.
4. “Projeto de Vida por aposentados” apresentado no Congresso Psicologia Ciência e Profissão.
5. “SEOP – Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e Trabalho” no CNEU – Congresso Nordestino de Extensão Universitária.
6. “SEOP – Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial e Projeto de Vida em áreas prioritárias” no ENEX.
7. “Comunidade de Baixa renda e projeto de vida por líderes comunitários: afetos e significados” no ENEX.

Pode-se verificar a participação em 7 eventos de trabalhos vinculados ao NEIDH e SEOP, sendo 6 deles apresentados em formato de banner e um de forma oral, e os resumos correspondentes também publicados nos anais dos congressos.

3.4 ATENDIMENTOS

3.4.1 SEOP- Unidade de Saúde da Família São Rafael

A Comunidade São Rafael está localizada no bairro do Castelo Branco, e consta de aproximadamente 420 famílias, com um total de 1461 pessoas, sendo 741 do sexo feminino e 720 do sexo masculino. A renda mensal média da população varia entre R\$120,00 e R\$800,00.

A comunidade teve sua gênese em 1985, quando, durante uma cheia, moradores de uma granja, associados aos movimentos populares da igreja católica, a partir de protestos pacíficos em frente ao Palácio do Planalto, começaram a realizar mutirões para arrecadação de comida, vestimentas, e reivindicar por moradia. Conseguiram assim, sensibilizar alguns políticos que investiram na construção de casa e prestação de assistência básica aos moradores da Comunidade São Rafael.

A Unidade de Saúde da Família São Rafael funciona na Comunidade São Rafael e é um tipo de organização pública que funciona há dez anos, aproximadamente desde dezembro de 1994, na Rua Arquivista Jonatas Careca, no Bairro do Castelo Branco 3, na cidade de João Pessoa, e financiado pela Prefeitura desta cidade. A instituição foi criada com o objetivo de realizar atendimentos voltados para a saúde de crianças, adolescentes, adultos e idosos, de ambos os sexos, num atendimento diário na unidade do posto e em domicílio, por intermédio dos três agentes comunitários de saúde que atuam na Comunidade. Entre os serviços prestados à população da Comunidade São Rafael, pelo Posto de saúde, estão: Atendimento médico, odontológico, planejamento familiar, vacinação, curativos, entre outros que sejam requeridos pela população.

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado para assegurar aos brasileiros um direito conquistado junto à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Viana e França, 2006). Enquanto política, o SUS é uma invenção cultural cujo modelo de atenção básica constitui-se num desdobramento desta e tem por princípios a universalidade, a equidade, a

integralidade e a participação social, e como diretrizes a descentralização, o comando único, a regionalização e hierarquização e a referência e contra-referência. Nesse ínterim, é criado o Programa de Saúde da Família (PSF), com o objetivo de criar uma participação efetiva da comunidade, e que se volta para a família de modo a desenvolver ações de promoção à saúde do indivíduo, da família e da comunidade, orientando cada família a evitar doenças e identificando-as precocemente para tratamento das mesmas.

O psicólogo, na atenção básica à saúde, aplica conhecimento teórico e técnico da Psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais (Conselho Federal de Psicologia, 2005), visando a promover o respeito à dignidade e à integridade do ser humano. Destaca-se, na Psicologia Social da Saúde, a interação como ponto fundamental do processo saúde-doença-cuidado. O psicólogo, então, atenta: à questão contextual da intervenção, isto é, a importância de se compreender toda a história e o contexto da instituição na qual será implementada uma ação, assim como as pessoas que compõem esta instituição; e à questão do “outro”, ou seja, a identidade e inserção da pessoa na vida (Camargo-Borges e Cardoso, 2005).

A educação sanitária também merece atenção especial do psicólogo para pensar estratégias de saúde mental que visem ao benefício coletivo e que possam ser aplicadas e se preocupar com os aspectos preventivos que favoreçam a tomada de consciência da população com relação aos fatores de risco aos quais são passíveis de exposição (Viana e França, 2006).

A Atenção Primária à Saúde (APS) torna-se campo fértil para a atuação do psicólogo pelas mudanças de hábitos e comportamentos decorrentes dos diagnósticos, mobilizando sentimentos e emoções no sujeito, na família e nas pessoas com quem convive, o que requer uma atitude acolhedora, empática e continente do profissional. Torna-se necessário, ainda, considerar a possibilidade de desenvolvimento de atividades intersetoriais como educação, cultura, esporte, lazer e trabalho, o que justifica a presença de diferentes atores no trabalho junto ao PSF (Viana e França, 2006). A equipe multidisciplinar constitui-se como espaço para o diálogo, para a troca de saberes, para compor um trabalho em que se interaja, e funcione como potência para o território da intervenção, com a criação de sistemas conversacionais que se multipliquem para toda a comunidade, como estratégia permanente de ação, com alternativas que possam traduzir-se em co-responsabilidade (Camargo-Borges e Cardoso, 2005).

A importância do conhecimento e da utilização dos aspectos socioculturais e psicossociais seria não somente relevante para facilitar a relação médico-paciente ou programas institucionais em saúde, mas, principalmente, para possibilitar a integração da equipe de saúde junto à comunidade e a identificação de sujeitos importantes na multiplicação de conhecimento (Camargo-Borges e Cardoso, 2005). Sendo assim, no SEOP, com uma teoria psicológica contextualizada a questões de relevância social, como o resgate da cidadania e a exclusão social, o psicólogo é um profissional importante na soma de esforços pela prevenção e promoção da saúde através do enfoque do restabelecimento do bem-estar da comunidade com a construção de projetos de vida inclusivos e reflexão sobre os papéis dos moradores no mundo.

Com este propósito foram atendidos, no sistema de plantão na Unidade de Saúde da Família São Rafael, 369 adolescentes e adultos moradores da Comunidade que procuraram o serviço de escuta psicológica entre novembro de 2009 e novembro de 2010, e foram realizados 6 atendimentos individuais, descritos na tabela abaixo.

TABELA 1: Atendimentos individuais realizados na USF São Rafael no período de 2009 a 2010

Caso	Variáveis sócio-demográficas				Número de sessões	Temáticas Trabalhadas
	Idade	Sexo	Escolaridade	Estado Civil		
1	16	Feminino	2º Grau	Solteira	1	Verificação da indicação de orientação Psicossocial e construção do projeto de vida; breve análise sobre si mesma e o mundo.
2	16	Feminino	1º Grau	Solteira	1	Significados

						de si, de mundo, e breve reflexão sobre profissão, projeto de vida e atividades desejadas.
3	16	Masculino	1º Grau	Solteiro	1	Significados de si, do mundo e breve reflexão sobre projeto de vida.
4	19	Feminino	1º Grau	Solteira	3	Captura das Vivências; significados de trabalho.
5	19	Masculino	1º Grau	Solteiro	2	Captura das vivências e significados do mundo e da sociedade.
6	32	Feminino	2º Grau	Casada	3	Verificação da indicação de Orientação Psicossocial; Significados de mundo; Significados

						de si no mundo.
--	--	--	--	--	--	-----------------

Como pode ser verificado na tabela acima, foram atendidas individualmente 6 moradores da Comunidade São Rafael, com idades entre 16 e 19 anos, com apenas uma com 32 anos, de escolaridade variando entre 1º e 2º grau, e a maioria solteira, uma casada, sendo 4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. O número de sessões por atendimento variou de uma a três, tendo sido trabalhadas as temáticas de: Verificação da indicação de orientação Psicossocial e construção do projeto de vida; breve análise sobre si mesma e o mundo; Significados de si, de mundo, e breve reflexão sobre profissão, projeto de vida e atividades desejadas.

3.4.2 SEOP-Clínica-Escola de Psicologia

A Clínica-escola de psicologia funciona na Universidade Federal da Paraíba vinculada ao Departamento de Psicologia para possibilitar aos alunos do curso a vivência em psicologia clínica. A Clínica-escola oferece os serviços de Avaliação Psicológica, o Serviço de Escuta Psicológica (SEP), o Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e Trabalho (SEOP), Psicoterapia e Análise. Este órgão da Universidade é mantido com o trabalho dos estagiários de psicologia que atuam no atendimento psicoterápico e nos outros serviços, professores da instituição de ensino e psicólogos técnicos da própria clínica, além de três recepcionistas que encaminham as pessoas para os diferentes serviços.

Foram atendidos na Clínica-Escola de Psicologia 102 adolescentes e adultos que procuraram o serviço entre novembro de 2009 e novembro de 2010, sendo priorizadas populações de renda mais baixa da comunidade da qual a Universidade Federal da Paraíba faz parte.

No período de 2009 a 2010, foram atendidas 10 pessoas em nível individual na Orientação Psicossocial da Clínica-escola de psicologia, os casos são descritos na tabela abaixo.

TABELA 2: Atendimentos individuais realizados na USF São Rafael no período de 2009 a 2010

Caso	Variáveis sócio-demográficas					Número	Temáticas
	Idade	Sexo	Escolaridade	Estado			

				Civil	de sessões	Trabalhadas
1	17	Feminino	2º Grau	Solteira	2	Verificação da indicação de orientação Psicossocial e construção do projeto de vida; prévia análise sobre si mesmo; sobre o mundo/sociedade e si no mundo; reflexão acerca da profissão a escolher; breve reflexão acerca do projeto de vida.
2	15	Feminino	2º Grau	Solteira	2	Significados da Orientação Psicossocial; Breve reflexão sobre os significados de si, breve reflexão sobre o mundo; breve reflexão sobre o significado do trabalho e

						profissão; Significados do mundo e de si no mundo.
3	17	Masculino	2º Grau	Solteiro	1	Significados da Orientação Psicossocial; reflexão sobre si; breve reflexão sobre o mundo e missão social; breve reflexão acerca da profissão.
4	18	Masculino	Superior incompleto	Solteiro	1	Significado da orientação na construção do projeto de vida e de mundo, significado de si.
5	20	Feminino	Superior incompleto	Solteira	2	Afetos vividos e significados da Orientação Psicossocial; Significados de mundo.
6	14	Masculino	1º Grau	Solteiro	3	Significado da Orientação Psicossocial e

						<p>significados de mundo;</p> <p>Significados de si e de si no mundo;</p> <p>Significados de si no mundo, significados de mundo e breve reflexão sobre trabalho.</p>
7	20	Feminino	Superior incompleto	Solteira	4	<p>Significados da Orientação Psicossocial;</p> <p>Significados de mundo;</p> <p>Significados de si e si no mundo;</p> <p>Significados do Trabalho e Profissões.</p>
8	19	Feminino	Superior incompleto	Solteira	4	<p>Significados da Orientação Psicossocial;</p> <p>Significados de mundo;</p> <p>Significados de si no mundo.</p>
9	17	Feminino	2º Grau	Solteira	6	<p>Significados de Orientação Psicossocial;</p>

						Significados de mundo; Significados de si no mundo; Significados de si; Trabalho e profissões; Projeto de Vida.
10	23	Masculino	Superior incompleto	Solteiro	2	Captura das vivências; Significados da Orientação Psicossocial.

Como analisado na tabela acima, entre as 10 pessoas atendidas na Clínica-escola 4 eram do sexo masculino, sendo 6 do feminino, com idades entre 14 e 23 anos, todos solteiros, estando 5 deles no nível superior incompleto, 4 no 2º Grau e 1 no 1º Grau. Os temas trabalhados foram: Significados da Orientação Psicossocial; Significados de mundo; significados de si no mundo; significados de si; Trabalho e profissões e Projeto de Vida, tendo só uma completado a Orientação Psicossocial até a reflexão do Projeto de Vida.

3.4.3 SEOP- Fundação Cidade Viva

O projeto Cidade Viva surgiu como programa de intervenção social, com o objetivo de promover a tônica da inclusão total (Queiroz, 2009), atuando em sete eixos que vão desde Educação, Saúde e Geração de Emprego à promoção da Ética e Cidadania.

A sede administrativa do projeto Cidade Viva está localizada no bairro do Bessa na cidade de João Pessoa- PB, no Centro de Convenções Cidade Viva, e possui um Centro de Reabilitação localizado na BR 101, que atende a dependentes químicos em sistema de internação.

No dia primeiro de julho de 2008, a Fundação Cidade Viva foi declarada instituição de utilidade pública municipal, através da lei 11.491/08, e registrada no Conselho Municipal de Assistência Social de João Pessoa, sob o número 134/08.

Para que a demanda destes dependentes não permanecesse sem atendimento foi instituído um projeto denominado Corredor da vida, que tem como objetivo o atendimento aos dependentes químicos que estão em espera para ingressarem no Centro de Reabilitação Cidade Viva e também o atendimento aos familiares destes dependentes.

Na Fundação Cidade Viva, foram realizados atendimentos individuais e em grupo com familiares/cuidadores de dependentes químicos. Sendo atendidos individualmente, no período entre novembro de 2009 e maio de 2010, 98 familiares/cuidadores, e em grupo, uma média de 6 pessoas por sessão, num período de agosto a outubro de 2010. Foram atendidas individualmente na Cidade Viva 3 pessoas e foi desenvolvido um Grupo de Escuta em Orientação Psicossocial, Projeto de Vida e Trabalho – GEOP, os casos individuais são descritos na tabela abaixo.

TABELA 3: Atendimentos individuais realizados na Cidade Viva no período de 2009 a 2010

Caso	Variáveis sócio-demográficas				Número de sessões	Temáticas Trabalhadas
	Idade	Sexo	Escolaridade	Estado Civil		
1	46	Feminino	Analfabeta	Solteira	1	Verificação da indicação de orientação Psicossocial e construção do projeto de vida; Captura das vivências.
2	63	Feminino	Superior Completo	Solteira	2	Verificação da indicação de orientação Psicossocial e

						construção do projeto de vida; Captura das vivências; Breve reflexão sobre os significados do mundo e de si no mundo.
3	53	Feminino	Superior Completo	Solteira	5	Verificação da indicação de orientação Psicossocial e construção do projeto de vida; Captura das vivências; Significados de mundo; Significados de si no mundo, Trabalho e Projeto de Vida.

Como pode ser analisado na tabela acima, foram atendidas 3 pessoas do sexo feminino, com idades entre 46 e 63 anos, uma delas analfabeta e as duas outras com ensino Superior completo, e todas solteiras. As temáticas trabalhadas incluíram a verificação da indicação de Orientação Psicossocial, Captura das vivências, e breves reflexões sobre os significados de

mundo e de si, tendo só uma realizado a Orientação até o fim, refletindo então sobre Trabalho e Projeto de Vida.

O GEOP foi realizado em seis sessões temáticas com uma média de 6 familiares/cuidadores por sessão, com idades entre 17 e 80 anos, sendo a maioria do sexo feminino, tendo desde o 1º Grau até o Superior Completo. As temáticas trabalhadas no Grupo foram: Verificação da Indicação de Orientação Psicossocial; Significados de mundo; Significados de si no mundo; Significados de Si; Trabalho e Projeto de Vida.

3.4.4 Análise de casos/ alguns recortes

Caso I

Descrição sócio-demográfica

IA_01 foi encaminhada para o atendimento no SEOP pelo SEP – Serviço de Escuta Psicológica, por conflitos relacionados à escolha profissional e à vida familiar.

IA_01 tem 19 anos, naturalidade brasileira, cursa publicidade e psicopedagogia no ensino superior, é do sexo feminino e não trabalha atualmente.

Motivo da procura SEOP: Eu faço publicidade e psicopedagogia, só que publicidade eu faço com prazer, e psicopedagogia eu faço porque: primeiro é um curso da federal e minha família toda espera que a gente faça um curso da federal... Assim, porque todo mundo esperava que eu e minha irmã seríamos qualquer coisa, que nunca íamos crescer na vida, aí primeiro eu fiz vestibular para comunicação, sempre achei que eu tinha a ver com comunicação, mas não passei, aí fiz para psicopedagogia e passei, só que eu tentei e acabei ganhando uma bolsa para fazer publicidade lá, e eu adoro fazer publicidade. E também o sonho da minha mãe é que a gente faça alguma coisa que ajude alguém, ela já fez psicologia, mas não pôde terminar porque engravidou, aí ela acha ótimo que eu faça psicopedagogia... E eu sou uma pessoa muito influenciável, eu gosto de fazer o que minha mãe quer que eu faça, procuro agradá-la, mesmo não me dando bem com ela, a gente só vive brigando, ela é muito estressada... e não tenho um relacionamento bom com meu pai. Apesar de eu ter 19 anos, ela não compreende, não deixa que eu faça escolhas, e eu

sou muito medrosa, a mais medrosa de todas. Mainha, apesar de ter duas moças em casa, é ela que faz tudo... eu ainda ajudo, a casa é minha, mas minha irmã não faz nada, ela é muito dependente... Antes eu trabalhava, e além do trabalho tem os dois cursos que eu estou fazendo: aí eu ia de manhã para a universidade para o curso de psicopedagogia, à tarde tinha o trabalho que era o pequeno aprendiz, tipo um estágio, e de noite eu ia para o de publicidade, nessa história acabei emagrecendo 6 quilos. Em psicopedagogia eu questiono muito as coisas porque o que eu gosto mesmo é comunicação, aí eu questiono muito os professores a respeito do curso e da divergência dele com outros cursos. Eu acho que a Orientação é uma forma de ajudar a me decidir, porque eu gostaria de escolher logo entre os dois cursos antes de começar o segundo semestre.

Síntese Analítica

Cliente 1 **sexo: feminino** **Idade: 19 anos**

Sessão nº 1 **Local:** Clínica-Escola de Psicologia **Data: 14/07/2010**

Eixo temático: Significados da Orientação Psicossocial

Orientação psicossocial; Breve reflexão sobre os significados de si e suas relações pessoais.

Síntese da Sessão

Eu faço os cursos de Psicopedagogia e Publicidade. Só que eu não gosto de Psicopedagogia, eu só vivo discutindo com os professores que existem muitas divergências: o psicopedagogo se confunde com o próprio psicólogo e com o pedagogo, e aí não fica claro o que ele vai fazer. Se você fosse um pai você escolheria levar seu filho para um psicopedagogo ou para um psicólogo com especialização em psicopedagogia? E eu amo publicidade porque eu me sinto útil e sou bastante comunicativa e gosto de questionar as coisas. Eu sinto dúvida porque minha mãe, e minha família toda, dão valor ao curso que é feito na federal, e apesar do curso de publicidade ser ótimo, é numa particular, e minha mãe não quer. Eu gosto muito de satisfazer as vontades da minha mãe, apesar de não me dar bem com ela, eu faço as vontades dela.

Escuta

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo Orientação Psicossocial?

A Orientação Psicossocial é uma forma de ajudar a se decidir sobre o curso a escolher, eu gostaria de escolher o que fazer antes de o segundo semestre começar.

A Orientação Psicossocial coloca-se então para você como:

Uma orientação voltada à escolha da profissão a escolher, uma forma de se decidir entre esses dois cursos, que um eu faço com prazer, e o outro eu fico buscando formas de gostar e não consigo, não consigo ver uma serventia do trabalho do psicopedagogo. E minha mãe pensa nessa profissão como algo que ajuda alguém, até porque ela já fez psicologia, parou porque engravidou.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados da Orientação Psicossocial emergem como a ajuda para encontrar aquilo que se deseja, revelando todo o padecimento sentido pela cliente com relação à sua vivência atual nas universidades. Este padecimento lhe causa confusão e dúvida, afetando-lhe psicologicamente e biologicamente, como analisado na fala: “Uma orientação voltada à escolha da profissão a escolher, uma forma de se decidir entre esses dois cursos, que um eu faço com prazer, e o outro eu fico buscando formas de gostar e não consigo (...) Eu fiz dois períodos dos dois cursos, estudando um de manhã, trabalhando à tarde e fazendo o outro à noite. Isso estava acabando comigo, eu até emagreci 6 quilos desde que comecei a fazer isso”. O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas, o corpo pelo cansaço, estresse, a mente pela submissão.

A cliente reflete sobre seu sofrimento ético-político, caracterizado pela confusão e tendo sua gênese em sua relação com sua mãe, num desejo de busca da felicidade, orientada então, para uma mudança da situação que causa padecimento, como refletido em: “Lá em casa, minha mãe é quem decide tudo, eu eu sou a mais medrosa com as coisas, apesar da minha irmã ser muito mais dependente que eu, até para pentear o cabelo, sou quem penteia o cabelo dela (...) Como superação desses medos e inseguranças para que faça realmente o que dá prazer”. Espinosa (Sawaia, 2009) nos fala da emoção, dos sentimentos e afetos orientados para a busca da

liberdade, numa tentativa humana de livrar-se da servidão. Analisando as reflexões descritas acima, capturamos a servidão a que está submetida a cliente, já que ela sabe o que quer e o que lhe dá prazer, mas se submete à vontade de familiares que não se importam com seus sentimentos, mantendo as relações de servidão dentro da família. Esta relação servil é exemplificada quando ela exprime: “Me sinto numa dúvida entre o que dá prazer, e o que realmente quero para a vida e o que a família considera o ideal”.

Neste sentido, num nível de fala interior, a cliente se questiona sobre esta dúvida, a relação de servidão a que está submetida, e o porquê de não conseguir se decidir, refletindo uma mediação do social na gênese de sua família. Assim, é acessada a consciência, numa análise da situação vivida e a gênese de seu padecimento. Toda esta relação da fala interior com a consciência pode ser capturada na fala: “E eu amo publicidade porque eu me sinto útil e sou bastante comunicativa e gosto de questionar as coisas. Eu sinto dúvida porque minha mãe, e minha família toda, dão valor ao curso que é feito na federal, e apesar do curso de publicidade ser ótimo, é numa particular, e minha mãe não quer. Eu gosto muito de satisfazer as vontades da minha mãe (...) Quero me decidir a fazer um curso para ser feliz”.

No nível do desenvolvimento proximal, a reflexão sobre a gênese do padecimento sentido pela cliente, e o diálogo com a consciência do que lhe dá prazer e a faz feliz, começa um questionamento do porquê continuar com algo que não a deixa feliz, plantando uma esperança de tomada de decisão frente ao problema.

Sessão nº 2 Local: Clínica-Escola de Psicologia Data: 04/08/2010

Eixo temático: Significados da Orientação Psicossocial e Reflexão sobre o mundo

Síntese da Sessão:

“Eu espero que você me ajude a encontrar um rumo profissional, ter certeza do que eu quero. Eu acho que eu preciso de um pulso firme, falta coragem para eu dizer não. (...) O mundo é competitivo, só vigora a lei do mais forte, do mais inteligente, a maioria das pessoas à volta só se preocupa com dinheiro e poder.”

O que pensa/sente sobre o dito

Eu quero ser independente. Criar é uma coisa que eu gosto muito, eu gosto de colocar minha criatividade... Um dia eu quero fazer jornalismo, sabe? Eu quero fazer tudo, mas é muito ruim estar em dois cursos pelo que eu já te falei, pesa muito, às vezes as provas caem no mesmo período, aí eu me mato para dar conta. Por isso eu queria saber mesmo o que eu quero fazer porque se apertar demais eu tranco uma e continuo depois.

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje sobre o mundo?

Quem vai olhar para o outro né? Eu pretendo ajudar... Existem muitas formas de ajudar... Ajudar nas atividades, até financeiramente.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados da Orientação Psicossocial e sobre o mundo são construídos pela cliente tendo como gênese seu relacionamento de submissão e servidão, primeiro aos familiares, depois a uma sociedade que só visa o poder.

O mundo é refletido como configurado por competição, em que o poder e o dinheiro são mais importantes. No decorrer desta reflexão, “Competição. Lei do mais forte, mais inteligente (...) Eu vejo a maioria das pessoas à volta mais preocupada com dinheiro e poder”, a cliente demonstra um sofrimento ético-político em relação a uma situação de exclusão vivida por ela, sendo tratada diferente por não ter as mesmas condições sócio-econômicas de outros que convivem com ela na faculdade, como expresso em: “As pessoas me tratam diferente por não ter condições. Eu sinto uma identificação com isso. Em todo lugar que eu vou, na universidade também, na faculdade de noite (...) As pessoas que não têm condições são tratadas de maneira diferente. Segundo Sawaia (2009), este sofrimento ético-político bloqueia o poder do corpo de afetar e ser afetado, naturalizando as desigualdades sociais. Trata-se de sofrimento/paixão que se cristaliza na forma de potência de padecimento, como refletido pela cliente na fala: “Eu penso muito no coletivo... Hoje em dia não. Eu não sei porque mudei, não tenho mais o olhar piedoso.”

Nesta reflexão está presente uma construção orientada para uma potência de ação, ela deseja mudar a visão que as pessoas têm dela, entretanto, isso se dará pela adaptação, descrita pela cliente como essencial na fala: “Acho que por sobrevivência, a gente quer ser diferente, mas

acaba sendo igual. Acho que é adaptação. Eu procuro me adaptar. (...) Eu acho que é essencial. Ir com o andar da carruagem”. Ela constrói relações baseadas em paixão, o que mantém a exclusão e servidão: não se constroem relações democráticas, nem se atinge a liberdade, a “desmesura do poder” passa a ser vista como uma forma de inclusão geradora de paixões tristes. O efeito é enfraquecer sua própria subjetividade, como colocado por Sawaia (2004).

Sendo assim, pode ser analisado que a cliente constrói sua relação com o mundo baseada na adaptação às ideologias e conceitos deste mundo. Ela reflete sobre os pontos negativos da sociedade, mas expressa um desejo de fazer parte desta massa individualista de seres humanos que destroem a própria espécie, como colocado por ela em: “Por isso eu tenho que fazer por onde, me afirmar. A espécie humana é a única que destrói os seres da mesma espécie, e sendo racional. É a decadência da espécie. É falta de Deus, falta de coração”. Este fenômeno é analisado no conceito de alienação descrito por Sawaia (2009), que é uma das conseqüências da dominação das paixões tristes, ela torna cada um contrário a todos os outros, cada qual imaginando satisfazer o seu desejo com a destruição do outro, percebido como obstáculo aos seus desejos.

Utilizando-se da fala interior a cliente mais uma vez reflete sobre seu vivido, e a gênese de tal vivido, no comprar a briga da mãe, no querer se afirmar numa sociedade em que os homens se destroem, e na reflexão de diferenças nas condições sociais que impõem exclusão e discriminação nos ambientes freqüentados por ela. Esta dialética entre fala interior, sentimentos, e sociedade pode ser analisado nas falas: “Porque eu acabei comprando a briga da minha mãe. Na minha família ninguém se formou (...) Ninguém pensava que a gente ia crescer, fazer um curso superior (...) As pessoas me tratam diferente por não ter condições. Eu sinto uma identificação com isso (...) Por isso eu tenho que fazer por onde, me afirmar (...) A gente acaba imitando (...) Eu procuro me adaptar”. Todas estas falas, refletidas pela cliente despertaram nela consciência sobre o dito e sentido, questionando toda esta naturalização no nível de desenvolvimento real.

Sendo assim, refletindo sobre o dito e sentido, num nível de desenvolvimento proximal, houve o início de uma construção acerca da coletividade, como “Como fica o coletivo? Não sei. (...) Quem vai olhar para o outro né? Eu pretendo ajudar... Existem muitas formas de ajudar... Ajudar nas atividades, até financeiramente”, que será continuada na próxima sessão quando serão refletidos os significados de si no mundo.

Sessão 3 Local: Clínica-escola de psicologia Data: 18/08/2010

Eixo temático: Eu no mundo/sociedade

Síntese da Sessão

“Eu sou uma criaturinha perdida no mundo... Eu sempre tive dificuldade em tomar decisão. Pode ser que tenha sido um namoro que deu muito errado e isso mudou muita coisa, inclusive minha visão de mundo.”

Escuta

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo?

Eu sou uma criaturinha perdida no mundo. Eu sempre tive necessidade de ter foco, eu queria ter um objetivo.

Coloca-se então para você como:

Eu sempre tive muita dificuldade de tomar decisão.

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje?

Eu acho que eu sou indecisa, perdida e confusa por medo, eu espero muito a decisão de fora de mim, isso tem que mudar.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Refletindo sobre sua relação com o mundo, a cliente expressa uma descrença nas pessoas e em suas próprias potencialidades, como quando expressa “Antigamente eu dava muito valor à amizade, aí perdi a confiança no mundo em geral, botei namorar em último plano”, por ter sido traída, e por conta de um namorado que a fez se afastar das pessoas, foi difícil retomar amizades, colocando-se aí um mundo individualista que a fez sentir-se só. Segundo Sawaia (2004), a reflexão sobre sua individualidade possibilita a transformação social, a capacidade humana de

criação, transformação e constituição de novas necessidades embutidas no desejo de libertação. Esta ontologia promove uma gênese da ética na sociedade porque o humano precisa do outro para ser feliz e autônomo.

Neste nível de análise do desenvolvimento real, a cliente se vê como individual, confusa, indecisa, se vendo de forma negativa, inferior aos demais colegas, principalmente na UFPB, como se analisa na fala: “Eu sou uma pessoa que não tem amigos(...) Eu sou tida como uma pessoa engraçada, eu não sei se gosto disso. Quando eu me deparei com o mundo UFPB a insegurança piorou 1000 vezes, estar numa turma de pessoas desconhecidas me trava, mas ta melhorando”, justificando sua insegurança em se colocar frente aos colegas por considerar que tem um nível baixo de conhecimento. Esta crença negativa em si mesma, e submissão a preconceitos é explicitado na fala: “Eu acho isso tudo uma matutisse, tem totalmente a ver com a insegurança que eu sinto, e a insegurança tem a ver com o que eu sei. Na ASPER eu me sinto mais à vontade porque parece que eles não sabem tanto quanto os da UFPB”.

Neste sentido, pode-se analisar que no nível da consciência a cliente reflete sobre si mesma no mundo se colocando como perdida, confusa, e reflete também o papel da mediação social nesta confusão em que se encontra, de forma que a faz esperar a decisão de fora. A consciência de si mesma numa relação com o mundo e as expectativas de futuro se a confusão continuar são expressos por ela em: “Eu me sinto perdida para encarar o mundo, se continuar assim, no futuro eu me vejo uma profissional despreparada”. A auto-análise revela o porquê desta situação numa gênese social, em que ela constrói o que é, quem é e porque é com base no que já viveu e suas decepções com o mundo dela do passado, como expresso em: “Eu sou uma criaturinha perdida no mundo... Eu sempre tive dificuldade em tomar decisão. Pode ser que tenha sido um namoro que deu muito errado e isso mudou muita coisa, inclusive minha visão de mundo”. No entanto, acessando sua consciência a cliente se potencializa para a mudança, reflete sobre como gostaria de ser e esta reflexão abre espaço para que sua fala interior lhe desperte para a mudança, a tomada de decisão, o perceber de um ser humano ativo. Este processo pode ser analisado nas falas: “Eu acho isso tudo uma matutisse, tem totalmente a ver com a insegurança que eu sinto, e a insegurança tem a ver com o que eu sei (...) Eu acho que eu sou indecisa, perdida e confusa por medo, eu espero muito a decisão de fora de mim, isso tem que mudar”.

Num nível de desenvolvimento proximal numa relação fala interior e significados de si no mundo, coloca-se a possibilidade de mudança e a potencialidade para a busca de soluções para

esta situação. Analisa-se assim uma submissão às normas vigentes no mundo, no entanto, a cliente potencializa uma transformação no nível do desenvolvimento proximal ao afirmar que espera que a decisão venha de fora, e que isso tem que mudar, como expresso em: “Eu acho que eu sou indecisa, perdida e confusa por medo, eu espero muito a decisão de fora de mim, isso tem que mudar”. Contudo, a reflexão acerca do coletivo está apenas começando.

Sessão 4

Local: Clínica-escola de psicologia

Data: 01/09/2010

Eixo temático: Eu no mundo/sociedade

Síntese da Sessão

“Eu to trabalhando no fim de semana, e ta tudo muito corrido... Eu ia trancar o curso, mas aí conversei com uma mulherzinha e não tranquei. Eu decidi que vou levando os dois cursos, falta tão pouco para terminar. Eu sou indecisa, criativa... consciente, chata... sou brincalhona, uma metamorfose ambulante... Hoje em dia a pessoa que eu procuro agradar é minha mãe, meu foco é agradar minha mãe... Eu me sinto uma marionete.”

Escuta

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo?

Indecisa, criativa, nunca prendo a atenção em uma coisa só, to sempre pensando várias coisas ao mesmo tempo.

Coloca-se então para você como:

Eu sou uma pessoa consciente, sou chata, quero as coisas do meu jeito, sou perfeccionista, muito perfeccionista, eu sou de querer as coisas do jeito que eu quero.

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje?

Minha mãe passou a ser minha melhor amiga, embora a gente brigue bastante. Acho que ela vai me dominar a vida toda, mas eu quero ser independente, e o pior é que eu quero chamar atenção ao fato de estar agradando, eu digo que só faço esse curso porque ela quer que eu faça. Eu sou uma pessoa influenciada, eu sou completamente diferente com minha mãe e com os outros... Mas eu não sou cabeça fraca, eu não quero deixar de viver a minha vida para agradar a ela... Eu saio daqui e penso: ‘eu sou uma marionete.’

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Nesta sessão sobre si no mundo, a cliente começa a colocar-se num coletivo, num movimento que vai do desenvolvimento proximal a um conhecimento real, ela não mais se coloca sozinha e submissa, mas reflete o quanto é ativa na sua relação com outras pessoas, colocando sua opinião e procurando fazer as coisas do jeito que quer, e exigindo a atividade dos que a rodeiam, o que pode ser expresso na fala: “Eu sou uma pessoa consciente, sou chata, quero as coisas do meu jeito, sou perfeccionista, muito perfeccionista, eu sou de querer as coisas do jeito que eu quero.” Neste sentido há uma tomada de posição no mundo, como um ser humano ativo, diferente do que ocorreu nas outras sessões, refletindo sobre si mesma numa tentativa constante de construção de si como melhor, e de exigir das pessoas o melhor delas. Num nível de desenvolvimento real, ela é ativa e criativa, buscando a transformação, já num nível proximal, sua indecisão a atrapalha numa das decisões mais importantes de sua vida, quem gostaria de ser, esta indecisão pode ser analisada em: “Eu sempre faço alguma coisa para melhorar e não me dou bem com pessoas acomodadas. Mas o que me atrapalha é minha indecisão. Apesar de querer mudanças, eu cruzo os braços diante de uma indecisão.”

No nível da consciência, esta indecisão que lhe causa padecimento é refletida como nesta fala: “(...) eu preciso de um foco, uma direção com relação à profissão. Eu gosto de inventar, criar, pegar uma coisa e transformar em outra, gosto de filme, de música, criança, cachorro, escrever, gosto de novidade, rotina me incomoda (...) Eu quero ter um foco, hoje eu vejo que meu foco é agradar minha mãe”. Este padecimento se configura então numa submissão a uma pessoa e o porquê desta submissão é refletido com base na gênese da sua relação com a mãe, a partir do momento em que ela passou a ser única amiga, companheira, a única que ainda estava ao lado dela, esta história de vida é contada assim: “Desde pequena eu gosto de inventar, eu inventei que

tinha seis irmãos, eu dizia que meu irmão é lindo, eu ficava enganando uma menina... Aí minha mãe perdeu a confiança em mim, eu inventei um monte de coisa... Ela pediu para ver se eu ainda era virgem. Na sala eu fiquei deslocada... Aí eu nunca mais fiz. Eu me sentia importante (...) Quando eu vou me colocar seriamente, eu acho que perdi minha credibilidade... Eu mudei completamente, eu me sentia dentro do grupo, mentindo (...) Quando aconteceu tudo isso, dessas mentiras, minha mãe me disse: ‘Mãe te ama.’ E aí eu pensei que ela era a única pessoa que ia estar do meu lado sempre. Meu foco é agradar minha mãe”

Refletindo sobre a gênese de sua posição indecisa no mundo, num movimento da fala interior, a cliente externaliza todo o seu desejo de libertação, e de procura por um significado de si sem indecisão na fala: “Eu sou uma pessoa influenciada, eu sou completamente diferente com minha mãe e com os outros (...) Mas eu não sou cabeça fraca, eu não quero deixar de viver a minha vida para agradar a ela (...) Eu saio daqui e penso: ‘ eu sou uma marionete.’” O sentimento de descontentamento com a situação vivida cria potência de ação, um questionamento da fala interior sobre os significados de si.

Sendo assim, apesar da gênese da coletividade se formando, ainda há uma submissão frente os desejos da mãe, mas numa reflexão sobre sua posição frente os outros e numa posição frente a ela, refletindo sobre si mesma como uma marionete. O padecimento muda de direção, não é mais fruto de uma submissão ao social, mas uma submissão aos desejos da mãe, numa tentativa de sempre agradá-la, o que é colocado como foco pela própria cliente.

Sessão 5

Local: Clínica-escola de psicologia

Data: 17/11/2010

Eixo temático: Trabalho

Síntese da Sessão

“É uma função que você sai de casa, vai atrás do seu sustento, mas procura felicidade. (...) Agora eu não estou mais me importando com a opinião de minha (...) Depois que eu soube da doença [psoríase] eu busquei descansar. Agora eu estou em primeiro lugar.”

Escuta

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo?

É uma função que você sai de casa, vai atrás do seu sustento, mas procura felicidade.

Coloca-se então para você como:

Eu vou me descarregar e fazer o que eu gosto. Ela aceitou assim, ainda fica dizendo e a psicopedagogia? Sabe?

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje?

Eu estou em primeiro lugar, tenho muitos estresses mas não sou uma pessoa estressada, ainda bem que meu namorado é muito bom. Eu acho que essa psoríase vai sumir, eu vou descansar, continuar publicidade tranqüila e ela vai sumir.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Refletindo sobre os significados do Trabalho, a cliente coloca vários sentidos que se completam para a busca da felicidade, ela expressa: “É uma função que você sai de casa, vai atrás do seu sustento, mas procura felicidade.” Neste sentido, novamente ela trás a busca da felicidade como foco na sua significação de mundo.

Neste íterim de busca da felicidade, a cliente informa sua decisão de deixar a UFPB para fazer o que quer, por causa da psoríase, doença que pode ser agravada pelo estresse, o fator externo que ela esperava para fazer o que ama, o que a deixa tranqüila, como demonstra na fala: “Agora eu estou tranqüila, agora eu não estou mais me importando com a opinião de mainha. Publicidade vai me trazer estresse, mas é um estresse que vai valer à pena, e esse estresse de agora não valeu.” Num nível de desenvolvimento real, então, a decisão deixa de perpassar a submissão à mãe, e perpassa a busca da felicidade, num sentido da busca de sua realização pessoal e financeira, como na fala: “Vai me realizar pessoalmente e financeiramente”, expressando a importância do trabalho para uma significação positiva de si mesma, o ver-se no trabalho como ser humano que usa suas potencialidades por uma missão pessoal e social.

Orientada por essa busca de felicidade, a cliente reflete com alegria e liberdade sobre a publicidade: “Publicidade é um ramo de despertar a criatividade, não sendo consumista. Vai me

realizar pessoalmente e financeiramente.” O trabalho se coloca como realização do ser humano no mundo e como forma de construção de si mesma no mundo, como expresso em: “Ser realizada, fazer o que eu gosto e ser reconhecida por isso”. Sendo assim, numa função de fala interior, coloca-se também numa missão social: “Eu tenho que ouvir o outro na publicidade, eu tenho que entender a vontade dele”, o que reafirma a construção de si no trabalho numa relação constante com o outro.

Sessão 6

Local: Clínica-escola de psicologia

Data: 24/11/2010

Eixo temático: Projeto de Vida

Síntese da Sessão

“O que a pessoa almeja, espera da vida, ou deseja para o futuro (...) Está sempre em construção, quando eu era criança era um, depois eu cresci e era outro, e agora já é diferente. Eu tenho planos de acabar o curso, me empregar e ir comprando as coisas aos poucos (...) Eu pensei no voluntariado, fazer alguma coisa para ajudar aquelas criancinhas (...) Eu acho que vem coisa melhor e isso ta me deixando tranqüila com as coisas de mainha.”

Escuta

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo?

O que a pessoa almeja, espera da vida, ou deseja para o futuro.

Coloca-se então para você como:

Pode vir com realização ou não.

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje?

Estabilidade é meu maior projeto de vida. Eu quero ser independente, mesmo idosa, não precisar de ninguém para fazer nada, nem p me locomover. Só vou conseguir trabalhando, não tem outra forma, trabalhando feliz, no que eu amo, e também pretendo me organizar para viajar, se as oportunidades forem melhores em outro lugar, eu vou.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados de Projeto de Vida são construídos pela cliente como: “O que a pessoa almeja, espera da vida, ou deseja para o futuro”, este desejo para o futuro é refletido como em um processo constante de construção e ressignificação, que varia com o decorrer da vida e mudança de oportunidades, como expresso na fala: “Está sempre em construção, quando eu era criança era um, depois eu cresci e era outro, e agora já é diferente”.

O Projeto de Vida é construído com base nas reais oportunidades vislumbradas por ela, numa reflexão do que foi ontem, e de como pode ser hoje, dialogando o vivido dos avós com o vivido dela hoje, o que perpassa a reflexão na dimensão espaço-temporal da construção do projeto de vida, como na fala: “Eu acho que as situações das famílias estão ficando cada vez melhores, meus avós não tiveram as condições e oportunidades que minha mãe tem, e eu acho que eu vou melhorar, vou ter condições melhores (...) Eu tenho planos de acabar o curso, me empregar e ir comprando as coisas aos poucos.” Nesta reflexão também se coloca a superação da exclusão social de se sentir sem apoio financeiro, que pode ser analisada na fala: “Quando eu era criança, eu passei dificuldade por não ter tantas condições, eu me senti com dificuldade, me senti mal, eu não quero passar dificuldades com meus filhos.”

Esta construção de sentidos para o projeto de vida também perpassam a dimensão sócio-cognitiva, já que a reflexão envolve como ela quer se ver na sociedade, e o que vai fazer pela sociedade, como analisado em: “Eu penso em ser estável, ter o necessário, casa, carro, dar boa educação aos meus filhos. Eu pensei no voluntariado, fazer alguma coisa com aquelas criancinhas, agora que eu vou ter a tarde livre acho que vou àquela escola para ajudar.”

Numa dimensão sócio-afetiva, colocam-se os desejos e afetos na construção de um projeto de vida, relacionado a como ela quer ser e se ver: “Com a psoríase, (...) Eu sou vaidosa mas nunca fui muito ligada à estética, mas quero que ela suma (...) Eu em frente a um computador cheio de frufus rosas, com muitas revistas espalhadas pela mesa, de óculos, eu nem preciso de óculos, mas sempre me vejo de óculos, acho que é pelo ar de intelectual, e eu me vejo me matando de trabalhar, mas gostando. Eu acho que vem coisa melhor e isso tá me deixando tranqüila com as coisas de mainha.”

Nesta dimensão é refletido o desejo de liberdade, num nível de desenvolvimento proximal, uma liberdade que perpassa o sentir-se tranqüila em relação à mãe, numa tentativa de

superação da submissão, colocando-se, na fala interior um diálogo com a personalidade numa análise de escolha de quem é e de construção dessa escolha a partir do vivido, este diálogo pode ser analisado em: “Eu já disse a minha mãe que ela não diga coisas que ela sabe que vão mecher comigo, que ela me deixe calma. O que ela fala me atinge de uma forma, eu acho negativo, mas é uma coisa da minha personalidade. Eu acho que vem coisa melhor e isso tá me deixando tranqüila com as coisas de mainha. (...) Por ser da personalidade é difícil mudar. Eu sou mais independente que minha irmã, mas me importo mais com o que ela diz. Eu acho que à medida que eu for mudando o vínculo com ela isso vai mudando, para tudo eu peço a opinião dela. (...) Personalidade é o que a pessoa é, é uma construção de tudo o que você vive na vida. Uma coisa intrínseca, você nasce com uma predisposição a ser e o contexto ajuda. (...) Ela vai mudando no decorrer da vida. Então pode mudar, ainda mais sendo construção”, refletindo também na gênese de sua personalidade, e construção de um projeto de vida em que ela é independente e até se vê longe de sua mãe.

Neste sentido, a cliente, num nível de desenvolvimento proximal, em relação com o vivido e com o desenvolvimento real, elabora seu projeto de vida da seguinte forma: “Estabilidade é meu maior projeto de vida. Eu quero ser independente, mesmo idosa, não precisar de ninguém para fazer nada, nem para me locomover. Só vou conseguir trabalhando, não tem outra forma, trabalhando feliz, no que eu amo, e também pretendo me organizar para viajar, se as oportunidades forem melhores em outro lugar, eu vou.” A construção do projeto de vida é o grito de liberdade da cliente nesta última sessão.

Analista: Isadora Ascitti Moura

Caso II

Descrição Sócio-demográfica

AI_02 chegou à Clínica-Escola de Psicologia à procura da Orientação Profissional, o serviço ao qual já havia tido acesso ano passado, mas entrou num curso universitário no qual não conseguiu se enxergar, então veio procurar mais orientação.

AI_02 nasceu em João Pessoa, tendo então 17 anos, é do sexo feminino, é solteira, evangélica e nunca trabalhou, tem renda familiar de R\$ 4000. Começou um curso superior, computação, mas trancou o curso e faz cursinho para tentar de novo no vestibular, escolhendo um curso diferente.

Motivo da procura do SEOP: Quando eu fui escolher o que fazer profissionalmente, fiquei em dúvida porque sempre gostei de matemática e sabia que tinha que fazer um curso da área de exatas, aí acabei escolhendo computação porque minha mãe me disse que eu devia pelo menos colocar um curso com maior concorrência para não dizerem que eu escolhi por causa da concorrência, aí eu acabei colocando computação, pensei que eu fosse gostar por ter que ficar fazendo cálculos. Mas aí quando eu vinha para aula, não tinha aula, quando eu não vinha tinha, e eu comecei a refletir que não queria ficar programando softwares ou inventando programas para computador, ou consertar computador, e também não sei mais se quero ficar fechada numa sala fazendo cálculos e cálculos. Eu sempre pensei que não faria nada de humanas porque, apesar de gostar de mostrar minhas opiniões nunca pensei em ficar conversando, debatendo sobre uma assunto até virar polêmica, ou ficar pesquisando várias coisas sobre um único tema, matemática é uma coisa e pronto, o resultado é um só. Eu não sei mais o que fazer, nem o que eu gosto porque eu já mudei tanto, de opiniões, de tudo, até meu jeito de ser. Antes todo mundo dizia que eu tinha cara de área de exatas só porque eu gosto de matemática, aí agora todos me dizem que eu tenho jeito de aluno de comunicação, jornalismo, alguma coisa assim.

Síntese Analítica

Cliente 2 Sexo: feminino Idade: 17 anos

Sessão nº 2 Local: Clínica-Escola de Psicologia Data: 21/07/2010

Eixo temático: Significados da Orientação Psicossocial; Significados da sociedade/mundo.

Síntese da Sessão

“[O significado da Orientação é] ajudar a observar as coisas e refletir sobre os pontos mais importantes. [Sobre a sociedade/mundo] a primeira impressão quando fala sociedade é que é hipócrita, tirando a vontade própria, mas se devia pensar a sociedade como comunitária, no sentido de beneficiar a sociedade.”

Escuta

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo Orientação Psicossocial?

Ajudar a observar as coisas e refletir sobre os pontos mais importantes. O que você gostaria de trabalhar, o tipo de vida que deseja ter, tem a ver com o perfil, a profissão tem a ver com a pessoa que você já é. Quando você tem um perfil, e escolhe uma profissão, ela também transforma você, muda o que você é.

A Orientação Psicossocial coloca-se então para você como: Ajudar a escolher no que eu posso trabalhar, que perfil eu tenho e como eu posso usar minhas características pessoais para decidir sobre minha escolha.

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje sobre Orientação Psicossocial?

Foi legal, a gente acaba falando sobre o que não está tão acostumada a falar, pensar sobre algumas coisas...

Análise dos significados

O que/ como vê /o que vem quando falo Sociedade?

A primeira impressão é que a sociedade é hipócrita, tira a vontade própria das pessoas. Eu acho que as pessoas precisam mais de orientação. Não devem valorizar um relacionamento vazio, as pessoas deveriam se definir na vida para se relacionar, depositam tudo em outra pessoa. Eu acho que as pessoas não param para pensar, se sentem no direito de invadir o limite dos outros. O crime existe agora em todo lugar, os pais não põem limites, é o rico, o pobre.

A Sociedade coloca-se então para você como:

Tem dois sentidos: Existe muita coisa no sentido de trabalhar para a sociedade como trabalhar para o governo, e assim não se beneficia a sociedade, mas só o poder, as classes mais altas, que ditam o que se faz e o que deveria ser o bem comum. No outro sentido seria o beneficiar o outro mesmo, sem depender do poder, aí sim seria o bem comum.

Situação desejada (sonhos / invenções/criações):

As pessoas, o governo, o poder, o mundo, deveria pensar a sociedade como comunitária, um desenvolvimento para não ter diferenças econômicas.

Informações solicitadas pelo cliente: Analisar características pessoais e conhecer o papel dos profissionais de diferentes áreas

Discussão/Análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados da Orientação Psicossocial são construídos com base em suas necessidades e o porquê da procura do serviço, incluindo nesta construção o que seria importante para ela refletir, como na fala: “Ajudar a observar as coisas e refletir sobre os pontos mais importantes. O que você gostaria de trabalhar, o tipo de vida que deseja ter, tem a ver com o perfil, a profissão tem a ver com a pessoa que você já é.”

Os afetos demonstrados pela cliente refletindo sobre a Orientação Psicossocial indicam uma confusão que perpassa a escolha profissional por conta de uma mudança de comportamentos e pensamentos seus em um curto período de tempo, não deixando que ela mesma refletisse sobre quem veio a ser, e como gostaria de ser, o que pode ser analisado na fala: “Eu penso que agora eu tenho que refletir sobre isso que mudou, mas que não mudou tanto, só que agora eu quero conciliar minhas novas características”. A cliente reflete que o ser humano está sempre passível de mudanças, e por isso tem medo de fazer escolhas radicais agora, e perceber que não é o que pensava que fosse, como na fala: “Eu acho assim, que nunca ninguém vai dizer que pronto, é isso e pronto, as pessoas, sempre mudam, eu mudei muito, mas ainda guardo algumas coisas do que eu era...”. A cliente, então, se coloca numa posição analítica e ativa na sua própria construção, compreendendo seu papel na relação analista cliente na Orientação Psicossocial.

A realidade vivida pela cliente é bem refletida por ela, há uma consciência do que ela quer e o que está atrapalhando seu processo de escolha, a confusão entre o que era e o que é agora, já colocado anteriormente. A cliente reflete sua situação e elabora sentidos para a gênese dessas percepções, se baseando em sua infância, mudanças acontecidas na adolescência, e mais ainda depois que teve acesso ao ambiente universitário, o que pode ser analisado em: “Quando eu tava na escola eu era assim ótima em todas as matérias de cálculo (...) Depois eu mudei de colégio (...) e eu comecei a ver que eu gosto também de geografia, de pensar sobre o mundo (...) E quando eu entrei no curso de computação eu pensava ‘Meu Deus, o que é que eu to fazendo aqui?’”.

Esta realidade vivida e a consciência que a cliente tem a respeito de seus sentimentos colocam-se como possibilidades de desenvolvimento proximal, já que há uma reflexão sobre o vivido e desejo de mudança, de encontrar novas maneiras de ser, como refletido por ela em: “Eu penso que pensando de novo nas minhas características pessoais, nas profissões, o papel dos profissionais, eu posso resolver essa confusão.” Esta reflexão só é possível graças à fala interior que a coloca em contato com ela mesma pelo pensamento e linguagem com a mediação do terapeuta e seus próprios questionamentos. Esta fala interior pode ser analisada quando a cliente expressa: “Foi legal, a gente acaba falando sobre o que não está tão acostumada a falar, pensar sobre algumas coisas...”

Sobre os significados da Sociedade, esta coloca-se para a cliente como negativa, já que submete as pessoas ao domínio, ao poder, do governo, e de um seleto grupo de pessoas que manda e desmanda, segundo ela “A primeira impressão é que a sociedade é hipócrita, tira a vontade própria das pessoas. Eu acho que as pessoas precisam mais de orientação. Não devem valorizar um relacionamento vazio, as pessoas deveriam se definir na vida para se relacionar (...)”. A sociedade é vista como hipócrita, já que, para ela, subverte os desejos dos poderosos a desejos coletivos.

Há também uma dicotomia refletida: a sociedade é submissa, mas deveria ser um coletivo, como na fala: “Existe uma coisa no sentido de trabalhar para a sociedade (...) seria o beneficiar o outro, sem depender do poder, aí sim seria o bem comum”, ou seja, a ética imanente ao ser humano interfere na construção de uma sociedade hipócrita, levando a cliente a pensar uma sociedade que se baseie no bem comum para provocar mudanças, significando a sociedade, idealmente, como um coletivo.

Sendo assim, os afetos demonstrados e refletidos sobre o mundo nesta sessão são de desesperança com relação ao mundo, à sociedade, às pessoas. A cliente reflete que não tem esperança de que haja uma mudança, e que, ainda, não consegue se dispor a ajudar ninguém porque sabe que as pessoas nem sempre querem ser ajudadas, refletindo assim uma submissão social dos pobres, e também uma postura de passividade com relação ao vivido e sentido por ela, não há coragem para aproximação das pessoas mais pobres, que necessitam mais de ajuda. Há então, uma potência de padecimento que paraliza suas ações na direção de mudar o social, no entanto, também um desejo por um “desenvolvimento para não ter diferenças econômicas.”

No entanto, quando reflete sobre este pensamento, a cliente coloca que gostaria de fazer alguma coisa, que não teria que ser uma coisa grande, mas que as pequenas coisas fazem a diferença, e poderia provocar alguma mudança através de eventos e campanhas, para aqueles que queiram ser ajudados, como na fala: “Eu tenho vontade de fazer diferença de alguma maneira, eu sempre me preocupei muito com educação.” Este desejo de mudança reflete um desenvolvimento no sentido proximal, em que a desesperança é refletida em direção a uma mudança, também demonstrando a importância da fala interior na construção dos significados.

O diálogo fala interior-desenvolvimento proximal pode ser analisado na fala: “Eu sempre tive dificuldades de vir e ajudar pessoas (...) As pessoas, o governo, o poder, o mundo, deveria pensar a sociedade como comunitária.” A sociedade é hipócrita, uma situação atual negativa, mas numa perspectiva de futuro, ela reflete sobre si mesma contribuindo para que a sociedade mude de alguma forma, a partir de seu trabalho, e assim, numa situação desejada, o governo e as pessoas que detém o poder pensem num desenvolvimento coletivo, e gerem forças para a mudança desta sociedade.

Sessão nº 3 Local: Clínica-Escola de Psicologia Data: 04/08/2010

Eixo temático: Significados da sociedade/mundo e significados de si no mundo

Síntese da Sessão

“Falta na sociedade gente capaz de se responsabilizar, de ter responsabilidade social na profissão que escolhe, e eu quero escolher algo que mude a vida das pessoas, nem que seja em

algo imperceptível para elas. (...) Eu sempre me vi diferente, se não houvesse diferença não haveria inovação, eu queria criar coisas novas.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje sobre Sociedade?

É importante pensar no papel de cada um sobre a sociedade, na responsabilidade social que cada um carrega quando escolhe uma profissão, ou quando faz determinado comportamento.

Escuta

Análise dos significados

Como você se vê na sociedade?

Eu sempre me vi diferente. Diferente de ver que as coisas não são assim, de tentar ver as coisas diferentes, não achar tudo normal, que é desse jeito porque é.

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje sobre como você se vê no mundo

Eu não acho que eu tenha que escolher agora para o resto da vida. Eu acho que eu posso fazer uma graduação agora e depois fazer outra completamente diferente. Eu quero fazer uma coisa ligada a criação, que é o que eu sempre quis, como Design e arquitetura, tipo, mudar a vida de uma família só porque fez uma casa mais funcional e confortável. Eu acho que as profissões mudam a vida das pessoas individualmente, cada uma tem sua responsabilidade social.

Discussão/Análise do dito em todos os níveis de análise

Continuando a reflexão do social, passando de um nível de desenvolvimento proximal conquistado na última sessão para um nível de desenvolvimento real, a cliente mostra ter passado por uma evolução desta reflexão, já que antes a sociedade era vista como hipócrita, isto refletindo uma construção histórica do poder, agora refletida a função social de cada um, na escolha da profissão e no modo de viver, como na fala: “Falta na sociedade gente capaz de se responsabilizar, de ter responsabilidade social na profissão que escolhe, e eu quero escolher algo que mude a vida das pessoas, nem que seja em algo imperceptível para elas”, valorizando uma

postura de diferente, ou seja, de um ser humano ativo que reflete sua realidade e procura colocar-se como crítico desta para mudá-la.

Construindo os significados de si mesma no mundo, é nesta posição ativa que a cliente se coloca, como sujeito que despertou para a entrevista, escolhendo questionar, assumindo uma postura diferente da que tinha antes, como em: “Eu penso que eu sou diferente, eu penso no bem comum, e quero fazer algo que contribua para a sociedade”. Nesta construção a cliente diz ter despertado para a ética inerente ao ser humano de querer contribuir para o bem comum, vendo nesta contribuição a profissão como uma missão social, como analisado na fala: “Eu acho que as pessoas que olham diferente para o mundo deveriam fazer mais por ele. Tem coisa que eu olhava diferente, mas venho me achando com opiniões diferentes das que eu tinha. Diferente de não dizer sim para tudo, não se calar”. A diferença, em sua reflexão, é qualidade que possibilita a transformação social, a capacidade humana de criação, transformação e constituição de novas necessidades embutidas no desejo de libertação, por meio dos coletivos que as singularidades configuram (Sawaia, 2004).

Desta reflexão emerge um sentimento de confusão porque ela agora reflete que é diferente do que era na escolha do curso de computação, e que mudou de opiniões, posturas, ou seja, mudou no seu jeito de ser e interagir com o mundo, como expresso em: “Antes eu me via integrada na tecnologia, desenvolvendo projetos inovadores. Hoje eu me vejo muito mais estudando a cultura, conhecendo o mundo. Eu me vejo escrevendo para ver as pessoas pensando diferente”. O movimento da consciência é impulsionado pelas emoções, que levam à reflexão e à ação (Lane, 2006).

Refletindo sobre estes sentimentos e emoções, ela faz uma construção acerca do movimento histórico que está na vida de todos, “Eu não acho que eu tenha que escolher agora para o resto da vida”. Todos mudam durante a vida, ela mudou também, no entanto, tem medo de se ver totalmente diferente daquela outra menina que escolheu o curso de computação porque queria fechar-se em seus cálculos e gerar inovações para o mundo, numa contribuição social. Como pode ser analisado em: “Confusão. Tem coisas que mudaram, mas eu não sei se mudaram o suficiente para deixar as antigas coisas de lado”, a menina de outrora ainda fala à sua mente sobre seus desejos.

Esta reflexão da cliente perpassa o desenvolvimento vivido por ela na fase da adolescência, em que segundo Vigotski (2007), as funções psicológicas superiores evoluem

passando por mudanças em seus nexos, mudanças interfuncionais, na estrutura interfuncional, de maneira que surgem novos agrupamentos, desconhecidos no nível anterior. Vigotski (2004) explica que é característico da adolescência a passagem das funções para dentro: o que para o escolar é externo no âmbito da memória lógica, da atenção arbitrária, do pensamento, torna-se interno no adolescente. A interiorização se realiza porque as operações externas se integram em uma função complexa e em síntese com toda uma série de processos internos. Isto pode ser analisado pela fala interior, desenvolvida pela cliente num processo constante de diálogo entre o desenvolvimento real e o proximal: “Eu preferia ser entrevistada e vi que meu lado jornalístico cresceu muito. Eu acabei vendo coisa nova e lendo muito, (...) Eu agora pergunto e se não estiver sendo satisfeita eu procuro a informação, eu procuro uma visão ampliada sobre tudo. (...) Antes eu me via integrada na tecnologia(...) Hoje eu me vejo muito mais estudando a cultura, conhecendo o mundo. Eu me vejo escrevendo para ver as pessoas pensando diferente.”

Sendo assim, numa construção gradual de si mesma e sua postura no mundo, a cliente tenta conciliar seus desejos de agora com seus desejos de antes para contribuir no mundo de forma diferente, colocando seu modo de ser e agir em ambientes familiares e de trabalho como arquiteta ou designer. Na reflexão da cliente, há agora novas motivações e tendências que não haviam antes.

Sessão nº 4 Local: Clínica-Escola de Psicologia Data: 11/08/2010

Eixo temático: Significados de si

Síntese da Sessão

“Eu me vejo diferente. Eu acho que tenho personalidade forte, tenho opinião formada sobre as coisas, mas ouço muito também às outras pessoas, sou introspectiva.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje sobre como você se vê no mundo?

Eu continuo querendo fazer projetos, eu já me vi muito fazendo projetos, coisas novas. Mas agora eu quero muito mais viajar, conhecer Londres. Eu quero morar longe daqui. E me vejo muito culta, criando alguma coisa, fazendo alguma coisa nova.

Observações do analista e informações complementares da sessão:

Sugestão do analista: Refletir sobre posições sociais em que se imagina, o que faz nestas posições, e no que levarão no futuro.

Discussão/Análise do dito em todos os níveis de análise

Na reflexão acerca de si mesma, a cliente se analisa do ponto de vista de sua análise, e a análise que os outros fazem dela, como na fala: “Eu acho que tenho personalidade forte, eu tenho opinião formada, mas eu ouço também às outras pessoas. (...) Todo mundo tem uma opinião errada das pessoas. As pessoas me acham chata, grossa, porque eu tenho dificuldade de chegar num lugar e ficar simpática com todo mundo, extremamente alegre.” Na primeira análise, ela é vista de forma positiva, engraçada, diferente, na segunda análise, ela é chata e grosseira. Ela também se vê numa constante mudança, tentando mudar a ela mesma, e a forma como lida com as pessoas, se tornando cada vez mais ética e menos egoísta, como em: “Mas eu estou tentando aceitar essas diferenças, ser mais tolerante (...) E me sinto confusa porque sempre estou em questionamento”, ela demonstra a necessidade de, como se considera diferente, também compreender as outras pessoas, considerando que todos têm suas diferenças.

Nesta reflexão, a diferença é o que a faz ser diferenciada das outras pessoas e também valorizada por isso, já que ela sempre reflete formas de ser admirada por ser ética, como expresso em: “Eu quero ser uma mulher plena, que sabe quem é, para onde vai, tem princípios, é segura de si e satisfeita. Bem resolvida, necessária aonde esteja”. Esta diferença é sua subjetividade, objetividade do social no individual. Neste ímpeto a emoção e a criatividade de aceitação das diferenças e desejos de ser admirada pela ética são partes da ação transformadora e de aceitação das diferenças como parte de si mesma, já que o homem, segundo Sawaia (2009, 2004), é um grau de potência para perseverar na própria existência e procurar a felicidade no outro.

Neste sentido, analisando no nível da consciência, a cliente reflete sobre si mesma tendo por base a realidade das diferenças, demonstrando conhecimento sobre si mesma, num diálogo interior, analisando a mediação do social, como na fala: “Eu sou e quero ser compreensiva. Eu tenho feito esforço para me colocar no lugar da pessoa. Por isso eu tenho muita dificuldade de ver quem está certo. E eu não dependo das pessoas, acho que gosto de parar para pensar, e eu me

acho engraçada. Eu to pensando em não me trancar, me abrir, sair mais, aceitar e conhecer as pessoas. Eu to saindo de ser mimada, egocêntrica. Eu sei que o mundo é composto por seres vivos e pessoas, não tem como achar que é só você. Eu tenho meus momentos de pensar assim e vejo isso”, e também reflete sobre quem quer ser, com base em fazer diferença no mundo, conseguir se colocar no lugar dos outros e aceitar as diferenças.

No entanto, esta reflexão sobre si mesma a deixa confusa por ser ver sempre em questionamento e mudança, como demonstra em: “Por eu ter sido filha única, acho que aprendi mais a me ouvir, me conhecer, e também aprendi a ser egoísta, egocêntrica, mimada, não aceitando as pessoas, mas estou tentando mudar isso”, e insegura com relação a como as pessoas a vêem, “Eu me sinto frustrada porque não consigo ver quem eu sou. Todo mundo tá mudando o tempo todo, e eu também, mas tenho medo de não ter mudado o bastante. Eu me vejo fazendo tudo e não dando certo, não sei determinar o que vou fazer (...) Tem muita coisa que eu to questionando, minha tentativa de ser outra pessoa, minha maneira de ver o mundo mudou completamente (...) Mas sou muito insegura, me preocupo com o que as pessoas acham e falam. Eu acho que não deveria ligar.”. Esta reflexão, também reflete, no nível do desenvolvimento proximal, uma necessidade de mudança destes conceitos, num sentido de pensar mais sobre o que quer ser e como chegar a isso, sendo ética.

Sessão 5

Local: Clínica-escola de psicologia

Data: 18/08/2010

Eixo temático: Trabalho

Síntese da Sessão

“É com o que você se manter por gostar... Quando você não faz por gostar acaba fazendo um trabalho medíocre. Determina todos os segmentos da vida.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje?

Foi bom porque eu tive que botar a cabeça para funcionar.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

O significado do trabalho refletido pela cliente é multideterminado, tem o significado de manutenção, de fazer o que gosta e de contribuir para a sociedade, como refletido na fala: “Quando você não faz por gostar, acaba fazendo o medíocre. Não consigo estabelecer nada com relação às profissões. Eu vejo os cursos e sempre fica algo faltando. Escolher a profissão é como escolher as decisões da vida inteira, o dia-a-dia, determina todos os segmentos da vida (...) Você estudou a vida inteira, se formou e agora tem que dar uma resposta ao mundo”.

No sentido da manutenção da vida e das condições financeiras, a cliente reflete que só isto não é necessário para o trabalho, “O trabalho é a atividade principal do dia, você tá dependendo daquilo e aquilo de você, o trabalho acaba sendo prioridade”, tem que se gostar do que se faz para que seja bem feito, para que não seja um trabalho medíocre, trazendo assim, que em sua consciência sobre o trabalho este é realização pessoal, é objetivação de emoções e desejos individuais no mundo, tornando-se social.

Sendo assim, a escolha da profissão emerge com o sentido de escolher a vida que se quer ter, e o que fazer para contribuir com a sociedade, como na fala “Eu quero poder fazer algo inovador, não quero ter dependência direta a um terceiro, ou representar os valores de uma empresa sem considerar muito os meus, e não quero ter muita exposição, não conseguir relaxar com o mundo ao redor”, envolvendo todos os segmentos da vida, refletindo uma dimensão ética presente em sua fala e orientando suas ações na escolha dessa profissão.

Do ponto de vista da sociedade, a cliente reflete que o trabalho é uma forma de se dar uma resposta ao mundo, como uma obrigação que se tem na sociedade, fazendo do homem uma máquina. Esta reflexão a faz pensar que não deve ser assim, como resposta ao mundo, as pessoas exigem números e resultados, mas o ser humano não pode ser reduzido, o trabalho deve trazer-lhe satisfação e deve ser para o coletivo num sentido de desenvolvimento para o progresso. A fala a seguir expressa esta reflexão acerca do trabalho: “Isso acontece por causa do mundo que a gente vive, o mundo quer seu retorno, quer respostas em relação aos números. Você estudou a vida inteira, se formou e agora tem que dar uma resposta ao mundo (...) Eu acho que é ruim porque você acaba respondendo por obrigação, exigência. Mas ao mesmo tempo é bom, no sentido de você querer ser melhor por causa da concorrência, isso faz o mundo caminhar para o progresso. A pessoa não é vista como ser humano, mas números, o indivíduo é uma máquina. Isso trás qualidade, mas também faz a pessoa se sentir descartável.”

Neste sentido há um desenvolvimento que passa do proximal ao real, refletindo o que o trabalho deve ser, o que é positivo que seja, e porque não é positivo. A fala interior, neste processo configura sua ação no mundo, que ainda não é especificada, estando ainda num nível de desenvolvimento proximal: “Não consigo estabelecer nada com relação às profissões. Eu vejo os cursos e sempre fica algo faltando (...) Eu não sei como ver enquanto profissional, não sei ver aonde estarei trabalhando.” Para a cliente, o trabalho depende do ser humano para ser bem feito e orientado para o progresso e desenvolvimento coletivos, e o ser humano depende dele para viver, ter e ser, “Cada um tem que lidar com as coisas do mundo. Às vezes você pode ditar sua maneira de trabalho, se você é obrigado a fazer algo contra os seus valores. Você anda conforme a música, mas não deve ser uma máquina.”

Sessão 6

Local: Clínica-escola de psicologia

Data: 29/09/2010

Eixo temático: Projeto de Vida

Síntese da Sessão

“Projeto de vida é planejamento a longo prazo. Eu quero fazer um curso, e não parar de estudar e sempre aprofundar mais. Eu quero ser uma pessoa inovadora, que cria idéias novas, que adicione e não que seja o mesmo que todo mundo. É complexo, varia de pessoa para pessoa.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

O que lhe vem sobre a sessão de hoje?

Eu quero cursar matemática até decidir, eu queria pesquisar as coisas de uma maneira geral, eu tenho que pesquisar mais em relação aos meus interesses e aos profissionais. Matemática era uma coisa que sempre me agradava, mas eu não estou satisfeita com relação ao futuro, o reconhecimento e o retorno financeiro... Engenharia tem mais oportunidade, o engenheiro é muito completo, ele consegue tomar a vaga de qualquer profissional e eu quero me ver assim. Eu tenho que chegar no curso para depois decidir.

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Na reflexão dos significados de projeto de vida emerge um planejamento a longo prazo, e o próprio projeto de vida da cliente numa díade entre ética e profissão, e a pessoa que quer ser no futuro, segundo ela “Eu quero ser uma pessoa inovadora, que cria idéias novas, que adicione e não seja o mesmo que todo mundo. (...) Meu projeto de vida é fazer a diferença no mundo de alguma maneira, não como mártir, mas fazendo diferença do dia-a-dia.”

Os afetos e desejos configuram uma pessoa no futuro que seja inovadora, criando novas idéias e não se conformando à multidão, numa tomada de potência de ação para trabalhar no nível da imaginação/criação e do ser um ser humano ativo e perpetuador das diferenças como forma de superação do homem como máquina, como na fala: “Não se conformar com a realidade, querer ter uma realidade melhor. É desafiador dar a cara à tapa (...) Eu queria transformar a realidade, mas de uma maneira flexível sem ofender as pessoas, não me vejo como líder de uma multidão”. A ética, envolvida em toda a reflexão da cliente desde o primeiro dia de reflexão, orienta um projeto de vida para fazer a diferença no mundo no dia-a-dia das pessoas, contribuindo para uma realidade melhor, sem ofender as pessoas.

Sendo assim, a cliente reflete numa dimensão sócio-cognitiva, ao construir seu projeto de vida baseada na ética e no transformar a realidade, numa dimensão sócio-afetivo ao colocar os seus desejos e afetos nesta construção, e também numa dimensão espaço-temporal se coloca numa posição nesta construção do projeto de vida, numa posição inicial onde amadurece e constrói/imagina, e sente-se insegura e indecisa quanto a que futuro escolher. Ela reflete: “Eu acho que eu to bem no início do meu projeto de vida, tentando amadurecer minhas idéias. (...) Eu acho que eu queria respostas e tem coisas que não se respondem. Eu sinto insegurança, tem coisas que você quer fazer, mas não dá para saber o caminho que você quer chegar (...) A insegurança sempre está presente comigo. É péssimo, mas no fundo ninguém é 100% seguro.”

Num nível de desenvolvimento proximal, a cliente reflete sobre sua insegurança, segundo ela sempre presente em suas escolhas de forma exagerada, sendo um sentimento de que o homem é inconstante, mas que também dá-lhe o privilégio da dúvida, no entanto, esta insegurança está se colocando como um problema já que lhe causa ansiedade e constante desconstrução de escolhas profissionais, o que pode ser analisado na fala: “Eu acho que a insegurança é ter algum sentimento que o homem é inconstante, eu acho que no meu caso não, eu vivo as coisas de um modo exagerado, eu sou muito indecisa. Acho que é porque eu não quero perder tempo. Eu acho que essa indecisão me dá o privilégio da dúvida, baseado no que eu gostaria de ser”. Esta reflexão

é a fala interior que impulsiona a escolha e a ação e questiona a si mesma sobre quem é e quem quer ser, pensando no que já foi.

Analista: Isadora Ascitti Moura

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas durante todo o estágio foram essenciais para a formação profissional no âmbito da psicologia clínica e comunitária. Todos os profissionais nos espaços parceiros que abriram suas portas e depositaram confiança no trabalho de Orientação Psicossocial nos construíram enquanto profissionais e seres humanos preocupados com o coletivo, cada cliente atendido nos fez crescer como pessoas melhores e nos ensinaram a responsabilidade e a ética que envolve a psicologia.

O convívio com profissionais e estudantes proporcionado pelo NEIDH possibilitou a aprendizagem conjunta e discussão da posição social ocupada pelo psicólogo no mundo, e como isto afeta a sociedade e o coletivo, quando as pessoas que fazem parte deste procuram transformá-lo.

A construção de um projeto de vida envolve a reflexão de todas as esferas que perpassam a vida do sujeito. Nesta construção há a possibilidade de configuração de significados e sentidos para o mundo e para si, levando a uma potencialização para transformação das relações pessoais e do que incomoda em si mesmo, ou o que deve ser valorizado, dando a oportunidade aos indivíduos de se pensarem como seres humanos em processo de mudança na relação com o outro. Toda esta reflexão questiona a posição do homem no mundo agora e qual ele gostaria que fosse. Assim, pensando sobre suas potencialidades, o homem cria um futuro numa busca de liberdade e felicidade.

A situação de exclusão social vivida apresentada em todos os atendimentos da Orientação psicossocial pode expressar uma paralização frente à pobreza, mas também uma reflexão sobre as possibilidades de mudança. Esta exclusão, nos casos atendidos e apresentados se configura como a submissão a regras sociais, vontades e desejos de familiares, ou até, a uma indecisão que marca os significados de si em todas as esferas da vida. O resultado é um padecimento que limita o poder de escolha e se expressa como quebras nas comunicações entre as funções psicológicas superiores afetando mente e corpo, provocando doenças no corpo e na alma.

Neste sentido, a mediação do analista provoca uma ressignificação e reconfiguração das funções psicológicas superiores, colocando num nível de desenvolvimento proximal, o que se deseja ser no futuro e como chegar a este objetivo, transformando a visão do vivido, de si mesmo, e da relação com o mundo. E é esta transformação que afeta a configuração das paixões, que, de

manutenção das servidões humanas, passa a orientar o potencial de mudança na busca da felicidade. Este trabalho coloca o analista numa posição no mundo, posição esta de análise crítica da realidade confrontada e meio de estimular a fala interior dos indivíduos que procuram a Orientação Psicossocial, orientando a busca e a ressignificação de si numa tentativa de superação da exclusão, padecimento e configuração de paixões.

Sendo assim, no contato com o outro, na relação de análise psico-sóciohistórica, o profissional psicólogo constrói a si mesmo e reflete sua posição no mundo e seu dever ético de transformar o padecimento vivido pela potencialização da reflexão e desejo do outro. A formação profissional propiciada a partir das vivências, discussões e casos atendidos, como o contato com a orientadora, foi fundamental para conclusão da formação em psicologia e preparação para continuar esta formação sempre em busca do melhor fazer psicológico.

REFERÊNCIAS

- Vigotski, L. S. (2007). **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 7ª ed.
- Catão, M. F. F. M. (2007). **Problemas sociais e análise psicológica**: questões de método. Em: *Análise psicológica de problemas sociais concretos: proposições analíticas*. Relatório de pesquisa de Pós-Doutorado. São Paulo: PUCSP.
- Sawaia, B. B. (2009). **Psicologia e Desigualdade Social**: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social. São Paulo: Psicologia & Sociedade
- Lane, S. T. M. (2006). **A mediação emocional na constituição do psiquismo humano**. In: Lane, S. T. M. & Sawaia, B. B. (orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Sawaia, B. B. (2006). **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: *As artimanhas da exclusão Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Marangoni, S.; Aires, J. M. Q. (...). **A Psicologia sócio-histórica na formação de psicoterapeutas**. Psicologia para América Latina.
- Dias, M. H. M. (...). **A psicologia sócio-histórica na clínica**: uma concepção atual em psicoterapia. dePsicoterapias.com.
- Sawaia, B. B. (2004). **Para não esquecer do “irredutível humano”**: A subjetividade como idéia ético-reguladora da reflexão sobre direitos humanos e exclusão/inclusão social. In: Silva, M. de O. (coord.). *Psicologia e Direitos Humanos: Subjetividade e Exclusão*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Tosi, G. (2008). **A Igualdade Hoje**. In: Bittar, E. G. & Tosi, G. (orgs.). *Democracia e educação em direitos humanos numa época de insegurança*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República.
- Bock, A. M. B. (2002). **Saúde ou doença mental**: a questão da normalidade. In: Bock, A. M. B.; Furtado, O. & Teixeira, M. de L. T. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Editora Saraiva. cap. 23
- Berlinck, M. T. (2010). **A Psicopatologia fundamental**: contribuição para a sociedade democrática. disponível em: <<http://fundamentalpsychopathology.org>>

ANEXO II - Relatório do Grupo de Trabalho: Escuta em Orientação psicossocial e projeto de vida com Cuidadores de dependentes químicos

Local: Fundação cidade Viva

Realização: NEIDH- Núcleo de estudos psicossociais da exclusão/inclusão e direitos humanos- UFPB

Coordenação/Orientação: Profa. Dra. Maria de Fathima Catão

Equipe de trabalho:

Ana Caroline Marques de Sousa – Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba; Isadora Ascitti Moura – Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba; Alice Fernanda Martins Grisi – Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba.

I - Identificação da ação realizada

SEOP- Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de vida e trabalho

Modalidade: Grupo

Período de realização: Agosto a setembro de 2010

Horário: 19 às 21 horas.

Local: Fundação Cidade Viva

Participantes

O grupo se realizou com uma quantidade média de 6 participantes por sessão. As características sócio-demográficas dos participantes são descritas na tabela abaixo:

Variáveis	Familiares/ cuidadores de dependentes químicos
------------------	---

	F	%
Faixa etária		
12 – 18	1	4,54
19 – 29	3	13,6
30 – 55	11	50
56 – 70	3	13,6
70 – adiante	4	18,1
Sexo		
Feminino	18	81,8
Masculino	4	18,1
Escolaridade		
1ª – 2ª série	3	13,6
3ª – 9ª série	2	9,09
2º Grau	5	22,7
3º Grau Incompleto	1	4,54
3º Grau Completo	11	50
Estado Civil		
Solteiro	9	40,9
Casado	12	54,5
Viúvo	1	4,54
Renda Familiar		
01 sm	8	36,3
02 – 04 sm	5	22,7
05 – 09 sm	8	36,3
Acima de 10 sm	0	0
Não informado	1	4,54
Reside com quantas pessoas		
Sozinho	2	9,09
01 a 02 pessoas	10	45,4
03 a 05 pessoas	10	45,4
Acima de 05 pessoas		

Grau de parentesco com o dependente químico		
Esposa	1	4,54
Mãe	4	18,1
Pai	2	9,09
Tio (a)	3	13,6
Irmão	5	22,7
Sogro (a)	1	4,54
Namorada	1	4,54
Amigo (a)	5	22,7
Trabalha atualmente		
Sim	15	68,1
Não	5	22,7
Aposentado	2	9,09
TOTAL DE PESSOAS ATENDIDAS	22	100
TOTAL DE ATENDIMENTOS	6	100

Como pode ser analisado na tabela descrita, 50% dos familiares/cuidadores dos dependentes químicos atendidos na Fundação Cidade Viva têm entre 30 e 55 anos de idade, sendo a maioria, enquanto 13,6% tem entre 19 e 29 anos, e a mesma porcentagem entre 56 e 70 anos, sendo somente 1 participante com idade entre 12 e 18, e 18,1% com idades acima de 70 anos. A maioria das pessoas atendidas (81,8%) foi do sexo feminino, sendo 18,1% do sexo masculino. Das 22 pessoas, 50% concluiu o 3º Grau, 1 participante não concluiu, 22,7% tinham grau de escolaridade até o 2º Grau, 9,09% cursou o primário até a 9ª série e 13,6% cursou até a 2ª série. A maioria dos participantes foi identificada como casada, equivalendo a 54,5% dos 22 participantes, enquanto 40,9% eram solteiros e só 1 viúvo.

Quanto à renda familiar, 36,3% dos participantes recebe 1 salário mínimo, 22,7% recebem entre 2 e 4 salários mínimos, 36,3% recebem entre 5 e 9 salários mínimos, constituindo a maioria, e 1 participante não soube informar, não constando nenhum participante com uma renda familiar de mais de 10 salários mínimos. Os cuidadores participantes, em sua maioria (45,4%), reside com 1 a 2 pessoas ou 3 a 5 pessoas, enquanto 9,09% reside só e nenhum reside com mais de 5 pessoas.

Dos 22 participantes inscritos para participarem do grupo, 68,1% (a maioria) trabalha, enquanto 22,7% não trabalham e 9,09% estão aposentados.

Quanto ao grau de parentesco dos cuidadores inscritos para participarem do Grupo de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e Trabalho, havia 1 esposa, 1 sogra, 1 namorada, 22,7% se descreveram como amigos e a mesma porcentagem como irmãos, 18,1% eram mães, 13,6% eram tios(as) e 9,09% eram pais dos dependentes químicos.

Metodologia

Nos primeiros encontros com os familiares/cuidadores de dependentes químicos, entre julho e agosto de 2010, foram realizadas entrevistas individuais de escuta, momentos em que foram colhidos os dados sócio-demográficos dos participantes e foi feita a divulgação da abertura do GEOP – Grupo de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e Trabalho e inscrição dos familiares/cuidadores interessados em participar do trabalho grupal.

O GEOP foi conduzido segundo a metodologia do SEOP – Serviço de Escuta em Orientação Psicossocial Projeto de Vida e Trabalho, sendo as 6 sessões grupais realizadas com temas definidos previamente em seis eixos: Significados da Orientação Psicossocial; Significados de mundo; Significados de si no mundo; Significados de si; Trabalho e Projeto de Vida.

I- Desenvolvimento da ação

Sessão I – tema: Significados da Orientação Psicossocial

Data: 11/08/2010

Participantes/grau de parentesco: 2 pais; 1 amiga; 1 mãe; 1 irmã.

Síntese da sessão: Significados capturados

“Eu espero que o que vocês fazem vá me fortalecer. Buscar crescimento, amizade, ouvir e ser ouvida. (...) Me ajuda a edificar minha vida e a vida dos outros. (...) Eu me sinto muito excluída com algumas coisas, e o grupo vai me fortalecer. Escutando um depoimento a gente vê que não está isolada (...). A gente acha que aqui é possível se fortalecer para conseguir dar o

apoio a nosso filho e ter apoio também. A gente vê no outro nossa própria história, aprende com o que o outro vive, e recebe orientação para saber lidar com nosso filho, e ao mesmo tempo não esquecer da gente, né?”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

“A gente acha que aqui é possível se fortalecer para conseguir dar o apoio a nosso filho e ter apoio também. É uma forma de a gente desabafar, dizer o que sente, e sabe que tem gente aqui que vai entender e vai apoiar. A gente vê no outro nossa própria história, aprende com o que o outro vive, e recebe orientação para saber lidar com nosso filho, e ao mesmo tempo não esquecer da gente, né?”

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados elaborados sobre a Orientação Psicossocial convergem com os reais significados da Orientação Psicossocial, dar apoio aos familiares/cuidadores de dependentes químicos, fazendo-os refletirem sobre seus sentimentos, a situação pela qual passam, e não desistirem de si mesmos em nome deste familiar, construindo assim um projeto de vida que supere a codependência.

Os afetos demonstram uma tristeza diante do vivido, mas também esperança na melhora desta situação, constituindo uma contradição de sentimentos que potencializa a ação de busca de apoio, de orientação, da fé. A reflexão sobre o padecimento vivido orienta o indivíduo na direção da busca da felicidade, a situação desejada de recuperação. felicidade significa colocar no centro a ideia de humanidade, e como temática o sujeito e como ele se relaciona com o social, de forma que fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e direitos sociais (Sawaia, 2006). O conhecimento de nossos afetos altera nosso sistema de conceitos, transformando-o de um estado passivo em outro ativo.

Deste modo, a consciência configurada com base na reflexão do vivido, em profunda conexão com os afetos, é orientadora da ação, e reflete esta ação em desejos.

Quando refletido o porquê da situação vivida, sobressaem afetos de culpa, por não saberem o que aconteceu para que este filho fosse diferente, para este filho procurar esta forma de

inclusão. No entanto, na zona de desenvolvimento proximal, pode ser refletido que na realidade seus filhos fizeram suas escolhas, apesar de terem errado, e cabe a eles somente apoiar a recuperação e se fortalecerem.

Sessão II – tema: Mundo e sociedade

Data: 18/08/2010

Participantes/grau de parentesco: 2 pais; 4 mães; 1 namorada; 1 esposa.

Síntese da sessão: Significados capturados

“É um mundo repleto de violência, as situações ruins chegam na sua casa e você nem percebe, quando vê se assusta. É dicotomizado, existe o início da viagem e o final, mas cada momento a gente pode transformá-lo (...) tem uma luzinha no fim do túnel que são as pessoas que fazem diferença (...). Boa parte do que tá acontecendo no mundo é culpa do homem e o demônio do mundo agora é a droga, mas eu sei que tem uma luz no fim do túnel (...) eu vejo o mundo precisando de ajuda. Apesar do mundo, existe nossa força para mudar! Grupo como este aqui é maravilhoso e faz com que o mundo seja melhor. (...) A gente não deve se conformar com os absurdos! No mundo tá faltando amor, respeito um pelo outro. Nós temos que lutar pela sobriedade. Tem que ter mais é força, união, pensamento no bem estar de outras pessoas. Tentar fazer a diferença onde estiver. Eu tenho esperança nas pessoas boas. Eu eduquei meu filho no evangelho, mas o mundo quer destruir nossos filhos.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

“O mundo é cheio de pessoas más, de pessoas que lutam pela sobrevivência, de problemas como violência, individualismo, drogas, mas ainda existe esperança para o hoje e para o futuro e esta esperança são as pessoas boas, são as instituições que se importam como bem estar do próximo.”

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os familiares/ cuidadores expressaram significados de mundo que perpassaram a visão de uma sociedade deficiente, absolvida por problemas sociais que adentram as vidas de seus cidadãos submetendo-os a uma situação de padecimento, impotência, e até privação de liberdade. Em contrapartida, significados de emancipação e esperança humana também foram expressos, como: lutar e não se conformar à situação e a esperança ligada as pessoas e instituições dispostas a trabalhar pela promoção da dignidade.

Os afetos delinearam sentimentos de exclusão, medo, impotência, falta de amor, respeito, união, permeados pela esperança de mudança e desejo de luta. A perspectiva de futuro abrangeu afetos positivos quanto a recuperação dos dependentes químicos e quanto a recuperação do próprio mundo.

A partir das intervenções foram provocadas reflexões que possibilitaram aos participantes se colocarem como os próprios agentes de transformação da situação atual do mundo, configurando, por tanto uma potência de ação mediada por afetos de emancipação.

Sessão III – tema: Si no mundo

Data: 25/08/2010

Participantes/grau de parentesco: 1 pai; 3 mães; 1 sogra; 1 esposa.

Síntese da sessão: Significados capturados

“Eu me vejo no mundo como alguém que busca ser melhor como pessoa. Eu era triste, agora sou batalhadora lutadora. Eu tenho o papel de pai no mundo. (...) Como um ser humano melhor no mundo eu aprendi a escutar. Eu me sinto como um ser humano que está em constante busca. Estamos sempre aprendendo no mundo, as vezes o erro é tão importante pra gente acertar. No meu trabalho faço as pessoas refletirem. No mundo eu tento me fortalecer e fortalecer as outras pessoas também. (...) Eu me sinto uma pessoa muito fraca, eu me sinto muito fraca como pessoa. Eu me sinto capaz no mundo. Eu to feliz no mundo, eu voltei a viver, porém preocupada com o mundo. (...) Eu não consigo saber quem eu sou, eu nunca tenho certeza de nada, sou insegura. (...) Eu sou companheira e solidária hoje. Eu estou trabalhando, estou me lembrando mais de mim. Meu papel é conscientizar as pessoas.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

“Mesmo diante do mundo como é, e mesmo com nossos erros, fraquezas e o problema que vivemos podemos fazer algo pelo mundo. Nós podemos nos ajudar e ajudar os outros que estão na mesma situação que nós. Devemos ter um papel conscientizador no mundo. Não podemos nos esquecer de nós mesmos, temos que ajudar nossos familiares, mas devemos viver, trabalhar e ouvir os outros.”

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados sobre Si no mundo trazidos pelos cuidadores/ familiares dos dependentes químicos conceberam o significado em questão como o Si em constante relação com o mundo, para esta população o ser humano deve buscar o constante desenvolvimento enquanto pessoa, isso abrange desenvolver (ajudar) outras pessoas através do ouvir, do conversar, do conscientizar, do companheirismo, do aprender com os erros, pois o mundo é visto como assustador, injusto e com problemas como as drogas que acabam com as vidas das pessoas, os jovens são apontados como os principais atingidos.

Os afetos capturados demonstraram dois lados: afetos positivos “Eu me sinto capaz no mundo” e afetos negativos “eu sou insegura”, os afetos positivos estão relacionados a pessoas mais resilientes ou que possuem familiares que estão em recuperação efetiva, os afetos negativos dizem respeito a pessoa cujo familiar ainda encontra-se sob uso de drogas, por tanto há uma estrita relação dos afetos com a situação vivida, o que denota a própria co dependência a ser trabalhada. Há afetos de gratidão pela existência do grupo e afetos de potencia de ação, bem como ética, demonstrados pelo desejo de ajudar a si próprios como aos outros no mundo.

A situação atual e desejada perpassou a realização profissional, a realização pela recuperação do familiar dependente, o desejo de permanecer companheiro e o desejo de passar aos outros o real aprendido como forma de ajudar. Assim, a partir da sessão em epígrafe foram provocados significados, afetos, reflexões em torno da ética que permeia e incentiva o cuidado do cuidador com ele próprio e com o meio social, inclusive despertando para o sentimento de grupo e cuidados recíprocos dentro do próprio GEOP e permitindo um sentimento de inclusão e papel social ativo do Si no mundo.

Sessão IV – tema: Significados de si

Data: 01/09/2010

Participantes/grau de parentesco: 2 pais; 4 mães; 1 sogra; 1 esposa.

Síntese da sessão: Significados capturados

“Eu sou calma, tranqüila e gosto de trabalhar. Sou uma pessoa calma tranqüila e compreensiva. Eu sou uma pessoa que sempre busco aprender. Eu sou uma pessoa com defeitos e virtudes. Me vejo bem porque eu consegui deixar meu filho viver a vida dele. (...) Todos somos iguais, todos nós temos virtudes e defeitos. O ser humano busca sempre os caminhos mais tortuosos para aprender (...) O ser humano é um verdadeiro insatisfeito, sempre quer mais. O ser humano é um ser vivo dotado de inteligência e raciocínio, além de preconceitos, mas ele só vê seus defeitos quando está com algum problema. (...) Quando agente sente que tá tudo bem agente tende a ficar egoísta, mas quando nós passamos por problemas amadurecemos. Eu sou uma mãe que gosta de alertar, mas eu não gosto de impor limites. Eu não posso mais morrer pelo meu filho. Passar maturidade. Acho que o ser humano deve agir mais ferozmente no combate à droga. O ser humano deveria mudar mais, servir mais ao próximo. Melhorar e ser alguém melhor a medida que envelheço. Foi preciso que meu filho entrasse nas drogas para que a gente começasse a ver que nós também temos problemas.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

“Os seres humanos são em sua essência todos iguais. A maioria é egoísta, não se interessa pelos interesses do outro. A sociedade é excludente e julgadora. Quando passamos por um problema vemos que podemos ajudar e entender aqueles que estão no mesmo barco através da maturidade. O ser humano é livre para tomar escolhas. Não podemos deixar de viver por causa dos nossos familiares. Devemos fazer o que gostamos e olhar para nós mesmos.”

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Os significados de si abrangem uma visão de constituição identitária recíproca, ou seja, a população em questão entende que o si constrói e constrói-se nos relacionamentos com os outros e com a sociedade em geral, através dos erros e acertos realizados nesta. Os seres humanos são percebidos como egoístas, e algumas vezes fracos, contudo como alguém que pode superar seus próprios problemas e não apenas isso mas também transformar os problemas sociais.

Os afetos perpassam a ética, pois expressam o cuidado e o desejo de superação da dependência química pelo familiar, esta superação também é colocada como condição para alegria do si. Além disso, os afetos demonstram a percepção de que o ser humano tem defeitos como a insatisfação, contudo, estando na mesma situação de outro o ser humano é capaz de crescer e ser empático com o sofrimento (exemplo o grupo).

A perspectiva de futuro demonstra uma disposição em crescer ajudando o próximo, superando defeitos à medida que se amadurece, influenciar a sociedade e lutar no combate às drogas, às indiferenças e ao egoísmo.

Sessão V – tema: Trabalho

Data: 08/09/2010

Participantes/grau de parentesco: 2 mães e 1 irmã

Síntese da sessão: Significados capturados

“Eu sempre trabalhei, aí aconteceu (dependência química do filho) e meu trabalho decaiu. Depois da situação do meu filho veio uma perturbação na minha cabeça no trabalho. Meu trabalho caiu porque eu perdi minha identidade, só vivia por ele, a vida que ele tinha era a vida que eu tinha, com excessão da droga. (...) Eu era realizada porque sempre amei o que fazia, eu hoje vivo a vida dele, eu me excluí. (...) Eu achei que parar de viver e de trabalhar ia ajudar, mas agora eu nunca faria o que fiz, porque eu fiz por falta de conhecimento.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

“Que nós ficamos tão doentes quanto nossos familiares a ponto de nos prejudicarmos no trabalho.”

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Através dos significados capturados foi possível observar que todas as dimensões do ser familiar ficam comprometidas pelos afetos tristes causados pela situação de dependência química. Assim os afetos acabam por influenciar também o desempenho no trabalho, demonstrando que a dimensão afetiva não pode ser desvincilhada do processo de trabalho.

Sessão VI – tema: Projeto de Vida

Data: 15/09/2010

Participantes/grau de parentesco: 2 mães, 2 pais e 1 namorada.

Síntese da sessão: Significados capturados

“Meu Projeto de Vida mudou muito, no sentido que não há mais ex-pai, existe um problema que precisa ser resolvido. Eu aprendi a lidar com meu filho diferente, cortar o cordão umbilical, ele é ele e eu sou eu. Reestruturar tudo. (...) eu quero viver bem com minha esposa porque meu relacionamento familiar foi muito afetado, e eu percebi isso hoje. (...) Hoje eu consigo dizer que sou uma pessoa, sou um profissional, tenho um papel social que é ser pai. (...) Hoje eu quero viver em paz, tranquilo com minha família. Já estou pensando em fazer uma faculdade, estou projetando muitas coisas para o meu futuro. Eu quero cortar o cordão umbilical, dando a oportunidade para que meu filho faça suas escolhas independente de mim, quero ter um futuro sossegado, envelhecer bem ao lado da minha esposa. É voltar meu trabalho como eu tinha antes, montar minha loja. Meu Projeto de Vida é sempre melhor, quero estar sempre aqui, aprendendo. Meu Projeto de Vida é terminar meus estudos, arrumar um emprego. (...) Caminhar sempre olhando para o futuro.”

Autoanálise e Análise provocada pela escuta

“Quando cheguei nem sabia dizer o que era isso, hoje eu sinto orgulho dos degraus que consegui subir. Meu Projeto de Vida? Eu cheguei aqui nem sabia o que era vida, hoje eu consigo pensar em melhorar minha vida.”

Discussão análise do dito em todos os níveis de análise

Nos significados de Projeto de Vida são demonstrados os desejos de inverter o vivido e se desvencilhar da dependência química, auxiliando o filho e voltando a suas atividades diárias, ao trabalho, ao melhoramento do casamento.

Nesta sessão foi feita uma análise que passa do desenvolvimento real ao proximal, de forma que a codependência é superada aos poucos por esses familiares/cuidadores. A situação atual é refletida como superação, diante de uma primeira sessão em que se sentiam destruídos e sem projeto de vida, também com o casamento se desestruturando, já que a dependência química de um familiar afeta toda a família.

É percebida então, na construção do projeto de vida, a tríade Família/Trabalho/Educação como base de reflexão para orientar a ação dos participantes do grupo.

Considerações finais

Os resultados nos fazem sentir que nossa mediação na reflexão sobre os significados construídos por cada um dos familiares/cuidadores estimulou uma potência de ação que nem eles imaginaram que teriam quando chegaram ao grupo. A codependência pôde ser superada a partir da construção de um projeto de vida que colocasse a cada um deles no mundo com um papel de fazer a diferença pelo trabalho, cortando o cordão umbilical com o dependente. O contato e mediação com diferentes histórias de vida nos ajudou a crescer como psicólogas que analisam o ser humano em todos os seus níveis e valorizando, acima de tudo, todas as suas emoções, o grupo nos ensinou a crescer como seres humanos e profissionais.

Todos os dias mais pessoas se tornam dependentes químicos, e envolvem todos ao seu redor nesta escolha, submetendo estas pessoas que só querem ajudar num processo de codependência. Portanto, o trabalho realizado deve se repetir e ter continuidade na tentativa de sempre buscar a mudança de vida e transformar o vivido com um projeto de vida inclusivo, na busca da liberdade e felicidade humanas.



978-65-00-90692-9

